

## Parte 2

Evolução da estrutura produtiva futura de  
Pernambuco



## Introdução

De acordo com a trajetória mais provável da economia pernambucana, analisada na Parte 1, nos próximos 13 anos Pernambuco terá altas taxas de crescimento econômico, acima da média nacional. O dinamismo decorre de um grande volume de investimentos, concentrados na indústria de transformação, com impactos diferenciados no encadeamento produtivo e na demanda de bens e serviços gerada pelo efeito renda. Desta forma, o crescimento da economia é acompanhado de uma importante alteração da estrutura produtiva em Pernambuco. A análise desse movimento de reestruturação produtiva parte da base atual de organização da economia pernambucana, sob o impacto gerado pelos projetos e investimentos previstos e pelas transformações antecipadas pela trajetória mundial e nacional mais provável<sup>22</sup>.

### 1 Evolução recente da estrutura produtiva de Pernambuco

Como já referido na Parte 1, a estrutura produtiva da economia de Pernambuco caracteriza-se pelo grande peso do setor “comércio e serviços” e por uma certa desconcentração de atividades e ramos produtivos do setor industrial (em comparação com outros Estados do Nordeste). Com efeito, em 2004, o setor “comércio e serviços” representa, sem incluir os serviços

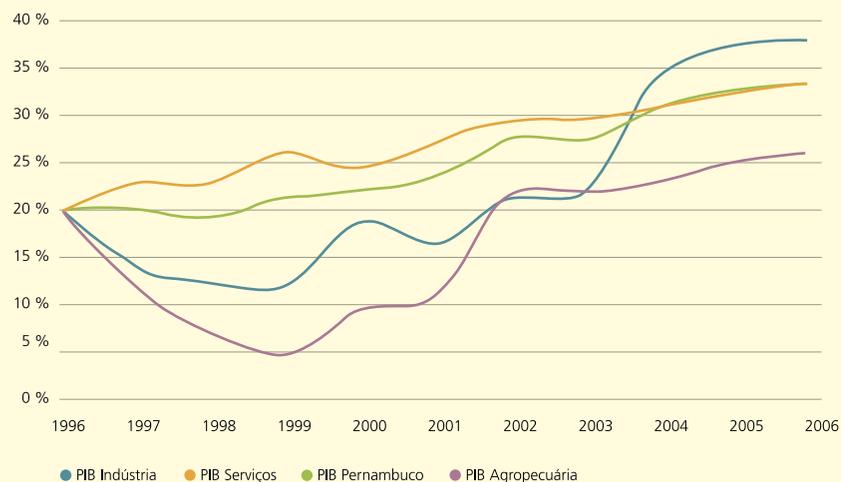
<sup>22</sup> Para mais detalhes sobre a metodologia de simulação da evolução futura da participação dos setores produtivos no PIB agregado, sugerimos a leitura do texto de Regis Bonelli e Armando Castelar: “Desempenho econômico e desempenho industrial no Brasil”, Ipea, 2003, no qual os autores destacam que a distribuição setorial a longo prazo do PIB segue um padrão de mudança onde, num primeiro momento, as atividades agropecuárias perdem peso em relação à indústria que, mais à frente, perde espaço para o setor de serviços. Ademais, a intensidade e o ritmo da transformação estrutural da economia pernambucana foram condicionados pelo resultado combinado de cinco processos referidos na trajetória futura mais provável: a distribuição setorial dos investimentos produtivos; os impactos previsíveis dos grandes investimentos na estrutura produtiva; os investimentos em infraestrutura previstos influenciando a competitividade de atividades e potencialidades de Pernambuco; os fatores externos (mundiais e nacionais) com impacto na estrutura produtiva do Estado; e a distribuição da demanda de bens e serviços de consumo final, que resulta da renda gerada na economia (efeito renda).

públicos de eletricidade, gás e água, nada menos que 57% do PIB estadual, passando, todavia, a declinar levemente a partir daí.

No mesmo ano, o setor secundário — indústria extrativa mineral, construção civil, indústria de transformação e dos serviços de utilidade pública (eletricidade, gás e água) — contribui com 33% do PIB estadual, mas com um pequeno movimento de elevação nos últimos anos da série. E o setor primário, formado pela agricultura, pecuária, pesca e silvicultura, apresentou no período uma grande estabilidade na participação relativa do PIB pernambucano, flutuando em torno de 10% da economia, com um movimento de crescimento da participação a partir de 1999, depois de um declínio nos três anos anteriores.

O Gráfico 16 mostra esse movimento diferenciado dos setores pelo índice do seu crescimento (base 1996=100), confirmando a forte e continuada expansão da indústria e a flutuação da agropecuária em detrimento de “comércio e serviços”. Com efeito, a partir de 1999, o setor secundário apresenta uma melhora rápida depois de uma queda acentuada — de 1996 a 1999, ultrapassando a média do PIB a partir de 2003.

Gráfico 16 • Pernambuco: evolução real do PIB agregado e setores (1996 = 100)



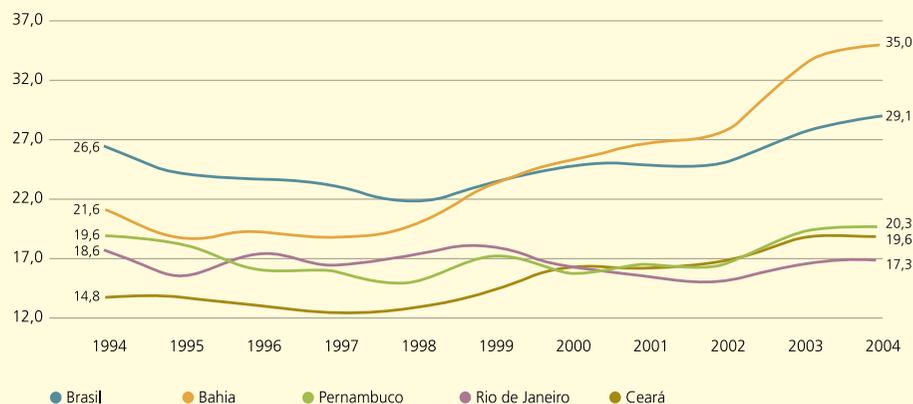
Fonte: IBGE.

No setor secundário, o principal segmento é a "indústria de transformação", que representa pouco mais de 20% do PIB pernambucano e mostra um movimento recente de ampliação da sua participação, em detrimento da "construção civil", que perdeu bastante peso relativo nos últimos anos. Com efeito, de 1998 a 2004, a construção civil diminuiu a sua participação na economia pernambucana em cerca de quatro pontos percentuais, ao mesmo tempo em que a indústria de transformação elevou o seu peso relativo.

A indústria de transformação representa, em Pernambuco, cerca de 20,3% do PIB, quase 15 pontos percentuais abaixo da Bahia, que registra 35% do total no mesmo ano, e cerca de 9 pontos percentuais abaixo da média brasileira, estimada em 29,1% (Gráfico 17). No Rio de Janeiro, a indústria de transformação aparece um pouco abaixo da registrada por Pernambuco (17,3%), o que resulta do peso muito elevado da indústria extrativa mineral no Estado (petróleo e gás), alcançando 28,2% do PIB carioca. Embora abaixo das médias nacional e baiana, a indústria de transformação tem uma participação maior em Pernambuco que no Ceará e no Rio de Janeiro.

A mais acelerada expansão da participação relativa da indústria de transformação ocorre na Bahia, já desde 1998, movimento que se intensifica nos últimos cinco anos, refletindo, provavelmente, a entrada em operação e o efeito irradiador da Ford. A participação da indústria cearense no seu PIB também se eleva nos últimos anos, aproximando-se bastante do percentual

Gráfico 17 • Evolução da participação da indústria de transformação no PIB do respectivo Estado (%)



Fonte: IBGE.

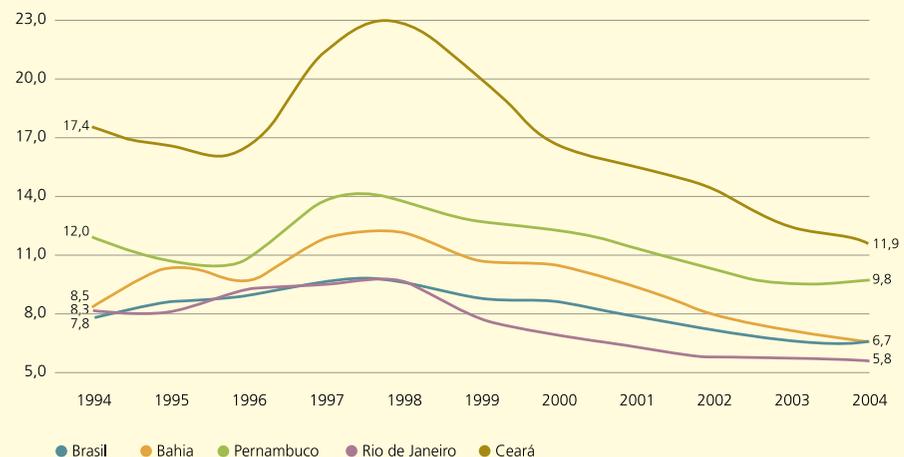
registrado em Pernambuco (19,6%). Dos Estados analisados, o Rio de Janeiro é o único que apresenta um declínio da participação relativa da indústria de transformação no PIB estadual, refletindo o crescimento da indústria extrativa mineral.

Tanto no Brasil quanto nos três Estados analisados, a construção civil experimenta um persistente e acelerado declínio da participação relativa no PIB, provavelmente como reflexo da ausência de uma política habitacional ativa e, principalmente, de um adequado sistema de financiamento para a construção, agravado por uma seqüência longa de anos de baixo investimento em infra-estrutura econômica e social. O Gráfico 18 mostra este movimento declinante do peso da construção civil na economia do Brasil e dos Estados.

Em Pernambuco, nos últimos dez anos, a participação da construção civil no PIB caiu mais de três pontos percentuais, alcançando 9,8%, em 2004, embora tenha se situado sempre acima da média de participação do Brasil (6,7%).

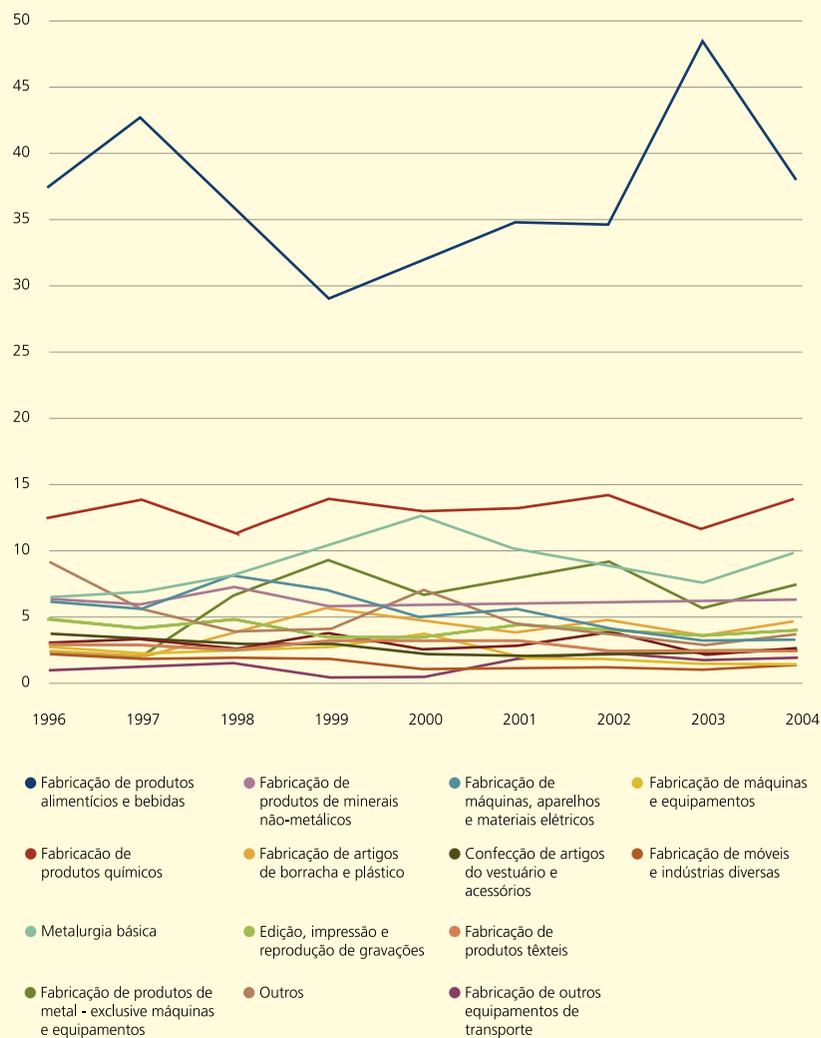
No interior da indústria de transformação, quatro gêneros industriais (alimentos e bebidas, química, metalurgia básica e produtos de metal) somavam quase 69% do Valor da Transformação Industrial pernambucana, em 2004, sendo que o de maior destaque (alimentos e bebidas) representava quase 38% do total do setor — os dois maiores alcançam juntos 52% do total (Gráfico 19).

Gráfico 18 • Evolução da participação da construção civil nos PIBs do Brasil e das UFs selecionadas (%)



Fonte: IBGE.

Gráfico 19 • Distribuição da participação nos gêneros da indústria de transformação de Pernambuco (%)



Fonte: IBGE.

Nos últimos oito anos (1996-2004), a distribuição dos gêneros industriais no Valor da Transformação Industrial de Pernambuco apresentou uma relativa estabilidade da participação, exceto pela aparente tendência de crescimento do gênero “alimentos e bebidas”, principalmente desde 1999; mesmo assim, sua participação flutua entre 30% e 40% do VTI, no período, com uma forte alta em 2003, alcançando 48,63% do VTI industrial, e declinando, em 2004, para 37,86%, dentro do mesmo intervalo de flutuação.

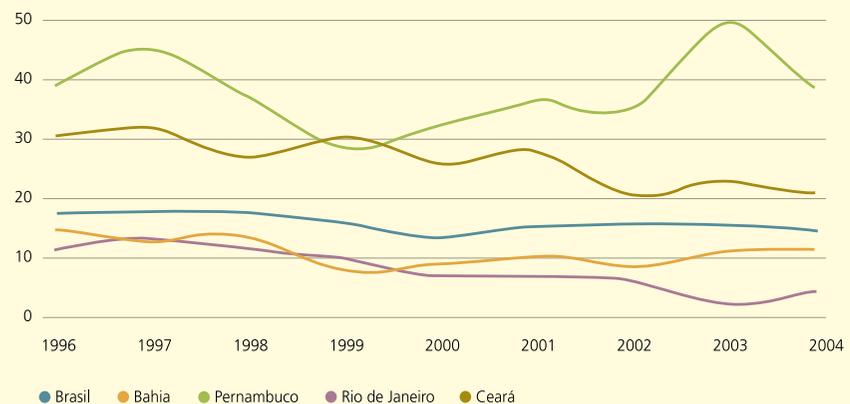
A participação da indústria de alimentos e bebidas no PIB de Pernambuco é muito superior à média desta atividade na economia nacional, e também supera o peso relativo nos outros Estados analisados. Com efeito, como pode ser visto no Gráfico 20, apesar da flutuação no período, em 2004 a indústria de alimentos e bebidas de Pernambuco alcançava quase 40% da produção industrial, enquanto no Brasil se aproximava de 15% e, no Ceará, chegava a quase metade do patamar alcançado por Pernambuco.

O setor terciário (comércio e serviços) registra uma concentração em quatro gêneros produtivos, sendo “administração pública, defesa e segurança social” o de maior peso e que representa mais de 39% do produto setorial em 2004, ou 22,9% do PIB pernambucano. A atividade mostra um movimento de ampliação continuada da sua participação no setor desde 1996, ganhando quase dez pontos percentuais.

A evolução nos últimos anos da estrutura do setor terciário parece apontar para uma tendência de queda da participação da administração pública, com quase 40% do setor e mais de 22% do PIB pernambucano, em 2004, abrindo espaço para o crescimento das demais atividades do setor (Gráfico 21).

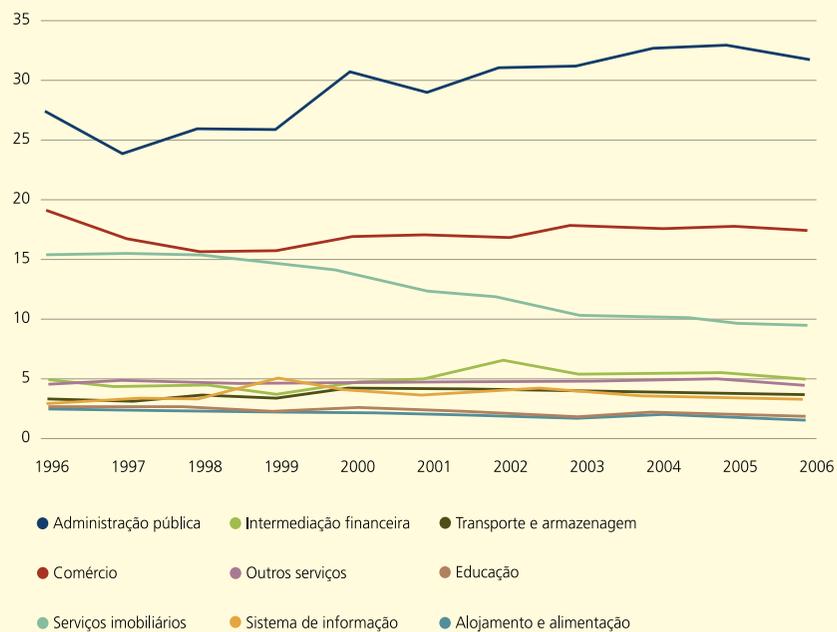
Vale ressaltar que, na média do Brasil, a participação da administração pública no PIB permaneceu, praticamente, estável — em torno de 15% — e que, mesmo na Bahia, com um governo relativamente pesado, este percentual foi inferior à média brasileira de 14,7%; no Rio de Janeiro, o segmento

Gráfico 20 • Evolução da participação da indústria de alimentos e bebidas no PIB estadual (%)



Fonte: IBGE.

Gráfico 21 • Evolução da participação dos segmentos do setor de serviços (em % do PIB setorial)



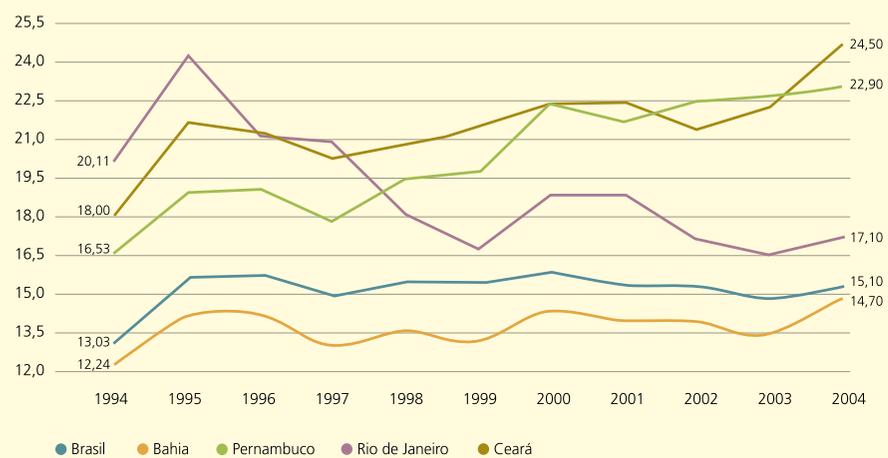
Fonte: IGBE.

apresentou uma tendência acentuada de declínio relativo, chegando a 2004 com cerca de 17,1% do PIB estadual, quase seis pontos percentuais abaixo de Pernambuco (Gráfico 22). Dos Estados utilizados como comparação, apenas no Ceará a administração pública tem um percentual de participação no PIB superior ao de Pernambuco, registrando 24,5%.

Em segundo lugar no terciário, com pouco mais de 20% do setor, em 2004, aparece a atividade comercial, seguida de "atividades imobiliárias e aluguéis", que perde mais de sete pontos percentuais, de 1996 a 2004 (representava 11,85% em 2004). O desempenho do comércio em Pernambuco é muito diferenciado da média brasileira e dos outros Estados analisados, com uma participação bastante superior no PIB. Como mostra o Gráfico 23, no Brasil e nos Estados analisados (inclusive Pernambuco) ocorre um declínio leve da participação relativa do comércio no PIB, mas em Pernambuco a atividade ainda representa 12,2% do PIB, quase o dobro da participação média na economia brasileira (8,7%), além de estar bem acima do Ceará com 8,1% do PIB estadual.

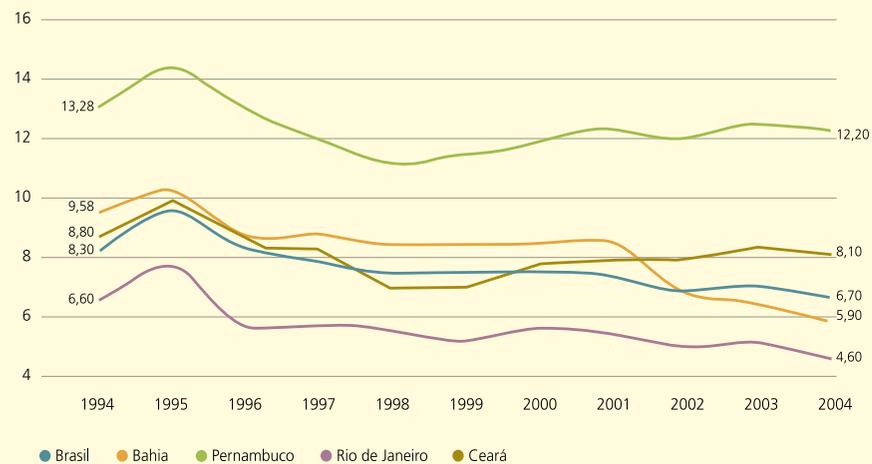
O que surpreende na participação relativa das atividades do setor terciário em Pernambuco é o baixo desempenho de "alojamento e alimentação",

Gráfico 22 • Evolução da participação da administração pública no PIB do Estado (%)



Fonte: IBGE.

Gráfico 23 • Evolução da participação do comércio (em % do PIB agregado)



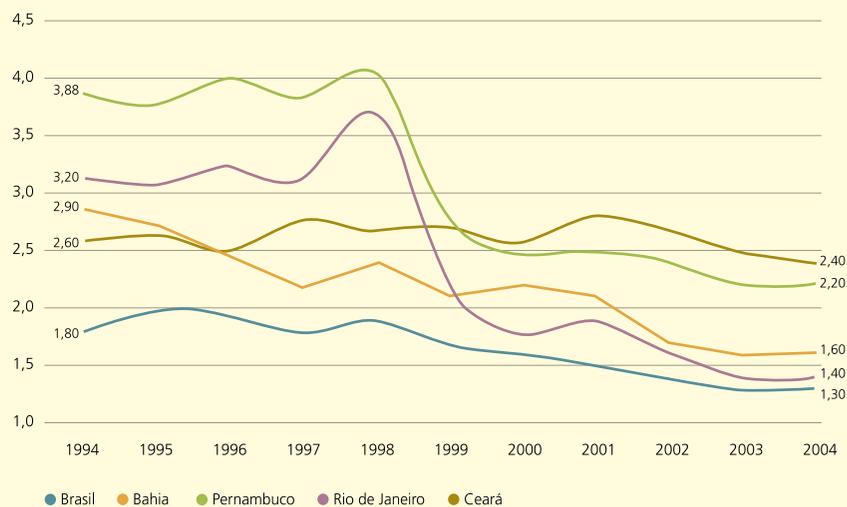
Fonte: IBGE.

fortemente atrelada ao turismo, que apresenta um movimento declinante no período, principalmente a partir de 1998. Depois de alcançar 6,81%, neste ano, a atividade "alojamento e alimentação" apresentou um declínio relativo, em 2004, chegando a apenas 3,83% do total do terciário.

O acelerado crescimento da "administração pública" provocou uma redução da participação relativa de todos os outros gêneros do setor "comércio e serviços", incluindo as atividades vinculadas ao turismo. Em todo caso, a atividade representa 2,2% do produto do setor, bem acima da média nacional (1,3%), da Bahia (1,6%) e do Rio de Janeiro (1,4%), perdendo apenas para o Ceará que alcançou, em 2004, cerca de 2,4% do setor "comércio e serviços" (Gráfico 24).

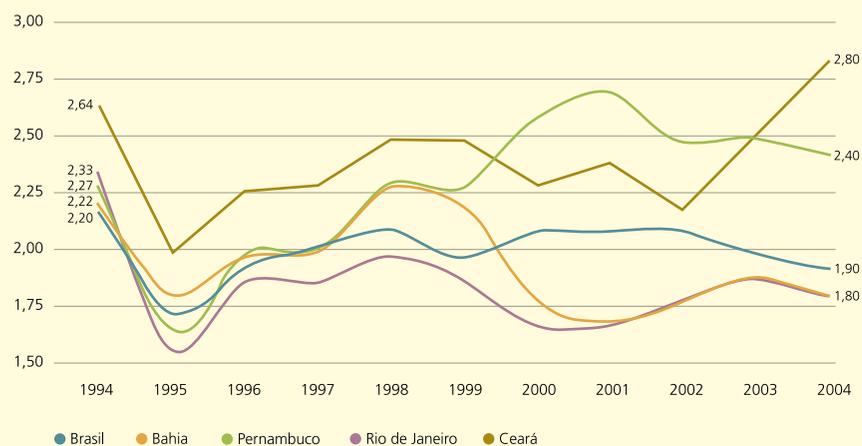
O segmento de logística também tem um peso importante na economia de Pernambuco, que apresenta um movimento continuado de crescimento da participação no PIB estadual no período (1994-2004), particularmente quando comparado à média nacional e dos outros Estados. Apenas no Ceará o segmento tem um peso maior que em Pernambuco: 2,8% contra 2,4% na economia pernambucana, em 2004 (Gráfico 25).

Gráfico 24 • Participação do segmento de alojamento e alimentação (em % do PIB agregado)



Fonte: IBGE.

Gráfico 25 • Evolução da participação do transporte e da armazenagem (em % do PIB)



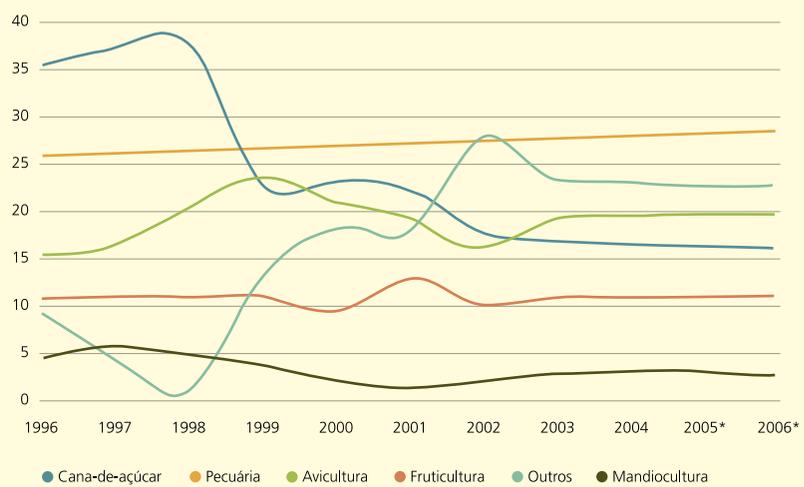
Fonte: IBGE.

Na agropecuária, a principal atividade de Pernambuco, em 2004, é a pecuária, incluindo a bovinocultura e a ovinocaprinocultura, representando quase 30% do produto setorial. Até 1998, contudo, a cana-de-açúcar tinha a liderança do setor, mas começava, desde então, a apresentar um declínio forte na participação relativa (Gráfico 26), o que reflete a crise e a estagnação do setor, além da expansão de novas atividades agropecuárias.

O segmento que mais cresce em termos de participação relativa na agropecuária, no período em questão, é classificado como "outros" e reúne várias pequenas atividades produtivas rurais — apicultura, aqüicultura, floricultura etc. Ao longo de oito anos (1995-2004), a pecuária eleva moderadamente a sua participação na produção agropecuária (quase cinco pontos percentuais) e a avicultura também amplia o seu peso no setor, embora com flutuação apenas entre 1997 e 2002.

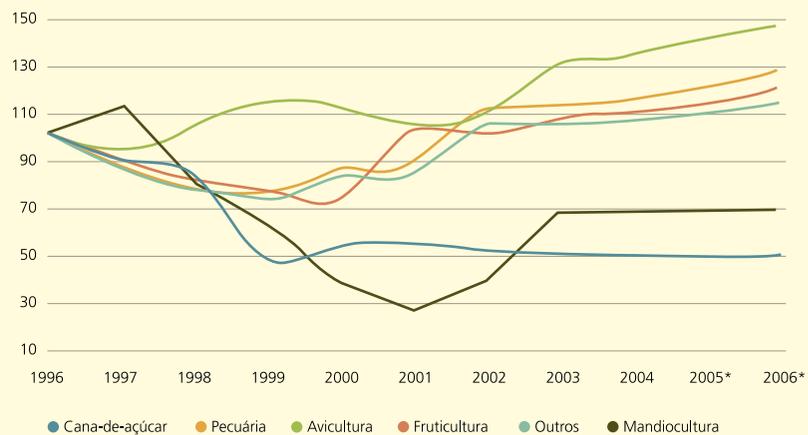
O desempenho diferenciado da participação relativa das atividades no setor agropecuário reflete as taxas de crescimento distintas das mesmas, com destaque para a cana-de-açúcar que apresenta taxas negativas nos últimos anos da década de 90 (Gráfico 27). Por outro lado, a avicultura é a atividade que mais cresce no período, sempre acima da média do setor, assim como a pecuária, um pouco menos descolada do movimento setorial. A fruticultura foi a atividade que mais cresceu no intervalo analisado, praticamente acompanhando o ritmo de expansão da agropecuária pernambucana.

Gráfico 26 • Evolução da participação dos segmentos agropecuários no PIB setorial (%)



Fonte: IBGE.  
\* os dados de 2005 e 2006 são projeções.

Gráfico 27 • Evolução real do setor agropecuário: cana-de-açúcar, pecuária, avicultura, fruticultura e mandiocultura



Fonte: IBGE.  
\* os dados de 2005 e 2006 são projeções.

## 2 Tendências de reestruturação futura da base produtiva

A evolução da estrutura produtiva de Pernambuco, nos próximos 13 anos, será o resultado combinado de cinco processos referidos na trajetória futura mais provável: a distribuição setorial dos investimentos produtivos previstos para o Estado de Pernambuco (projetos incentivados pelo Prodepe); os impactos previsíveis dos grandes investimentos na estrutura produtiva; os investimentos em infra-estrutura previstos (considerados plausíveis nas hipóteses da trajetória mais provável), que influenciam a competitividade de atividades e potencialidades de Pernambuco; os fatores externos (mundiais e nacionais) com impacto na estrutura produtiva do Estado; e a distribuição da demanda de bens e serviços de consumo final, que resulta da renda gerada na economia (efeito renda). Para fundamentar as tendências de reestruturação futura da base produtiva pernambucana, cada fator será analisado neste capítulo.

### 2.1 Distribuição setorial dos investimentos incentivados

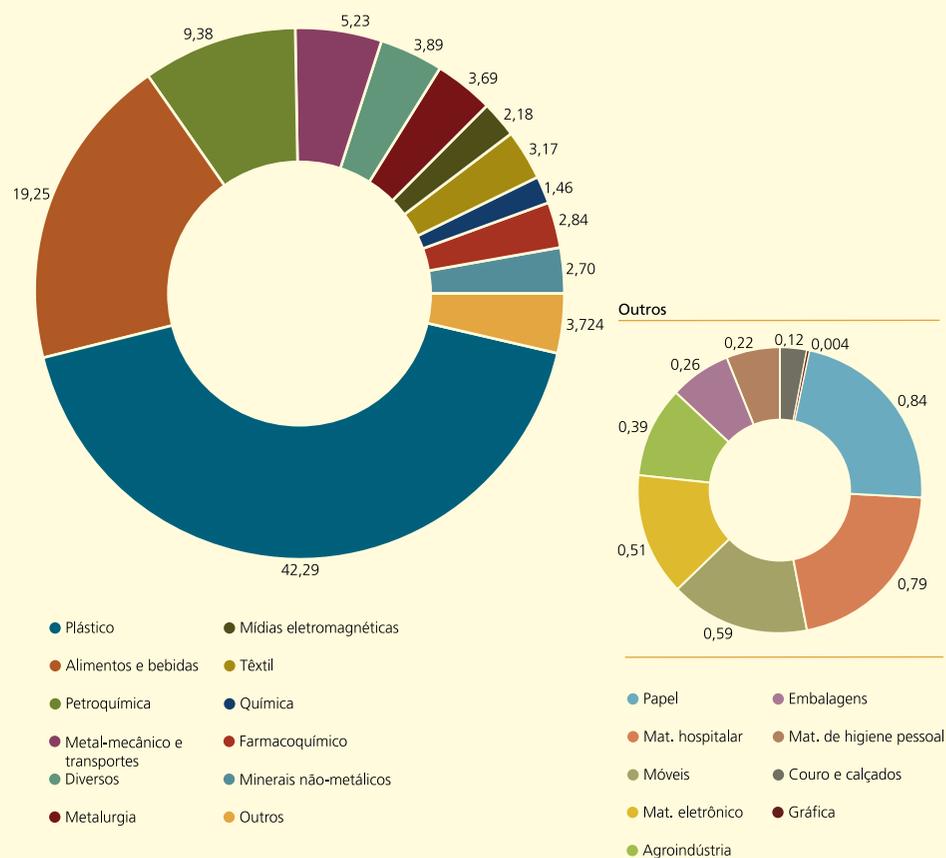
Os projetos aprovados pelo Prodepe (com concessão de incentivos fiscais para implantação ou ampliação em Pernambuco), entre 2003 e 2006, alcançam um total de R\$ 4 bilhões — uma média de um bilhão de reais por ano, representando os investimentos que devem estar em fase de execução e com impacto nos próximos anos. Além disso, o Prodepe aprovou neste período 42 projetos de Centros de Distribuição concentrados na logística, não explicitando os investimentos dos respectivos projetos no rastro da expansão industrial e consolidando a vocação da economia pernambucana.

Os projetos aprovados com incentivos apresentaram uma grande concentração setorial, em volume de recursos previstos para investimentos, influenciando a reorganização da estrutura produtiva futura da economia pernambucana. O Gráfico 28 mostra a distribuição setorial dos investimentos previstos, da qual se destacam os seguintes segmentos com sua participação percentual no total: material plástico (42,29%), alimentos e bebidas (19,25%), petroquímica (9,38%),<sup>23</sup> metal-mecânico/transporte (5,23%) e metalurgia (3,89%).

A distribuição setorial dos investimentos previstos (incentivados pelo Prodepe) tende a consolidar a posição de algumas atividades, ou mesmo aumentar o seu peso relativo na economia estadual, como “alimentos e bebidas”, o mais importante na atual estrutura da indústria de transformação, que deve receber o

<sup>23</sup> Neste segmento, está incluída parte do investimento da refinaria, que recebeu incentivos do Prodepe, com projeto aprovado em 2002, incluído nos cálculos na medida em que ainda não foi implantado.

Gráfico 28 • Participação setorial dos investimentos no Prodepe no período 2003-2006 (%)



Fonte: AD Diper.

segundo maior volume de investimentos (19,25%). O mesmo pode ser dito dos segmentos “metalurgia” e “produtos de metal”, segundo e terceiro lugares na estrutura do VTI pernambucano, que recebem um volume moderado de investimentos. O segmento “plástico”, classificado pelo IBGE como Artigos de Borracha e Plástico, e situado em sexto lugar no VTI, receberá o maior volume de recursos incentivados (42,29%), devendo ganhar grande dinamismo no futuro.

## 2.2 Grandes investimentos e seus impactos setoriais

Os grandes investimentos produtivos, previstos e anunciados para Pernambuco — refinaria, estaleiro e pólo de poliéster, sinalizam para um aumento relativo do setor industrial na economia estadual, na medida em

que concentram um volume elevado de recursos, ampliando a base produtiva da indústria, além dos encadeamentos prováveis para frente e para trás ao longo da cadeia. Estes investimentos complementam os projetos industriais incentivados, alguns dos quais também beneficiados com o fomento governamental. Os impactos dos grandes investimentos manifestam-se também fora da própria indústria, estimulando algumas atividades terciárias e mesmo agropecuárias a montante das cadeias produtivas.

O Núcleo de Desenvolvimento e Integração Industrial da Fiepe realizou um estudo recente — em 1999 (ano-base do índice) — sobre o impacto desses empreendimentos, utilizando a matriz insumo-produto de Pernambuco, a fim de identificar setores e atividades da economia pernambucana influenciados pelos três grandes investimentos. A Tabela 2 mostra a distribuição percentual dos impactos na implantação dos projetos sobre as atividades produtivas, expressa em variação do crescimento anual.

As atividades com impacto acima de 10% são construção civil, siderurgia, minerais não-metálicos, fabricação de produtos metalúrgicos; com

Tabela 2 • Distribuição percentual do impacto dos grandes empreendimentos por segmento produtivo

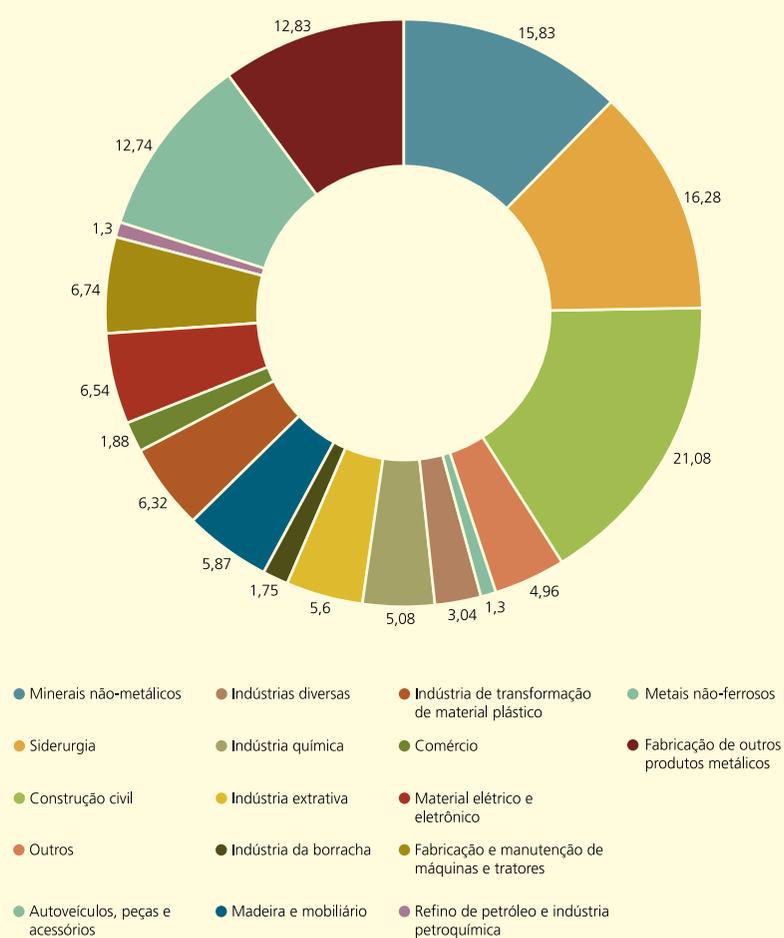
Atividades	Impacto
Construção civil	21.08
Siderurgia	16.28
Minerais não-metálicos	15.83
Fabricação de outros produtos metalúrgicos	12.83
Minerais não-ferrosos	12.74
Fabricação e manutenção de máquinas e tratores	6.74
Material elétrico e eletrônico	6.54
Indústria de transformação de material plástico	6.32
Madeira e mobiliário	5.87
Indústria extrativa mineral	5.60
Indústria química	5.08
Indústrias diversas	3.04
Comércio	1.83
Indústria da borracha	1.75
Autoveículos, peças e acessórios	1.30
Refino de petróleo e indústria petroquímica	1.30
Transporte	0.87
Agropecuária	0.71

Fonte: Fiepe.

impacto variando entre 5% e 10%, encontram-se as atividades de fabricação e manutenção de máquinas e tratores, material eletro-eletrônico, indústria de transformação de material plástico, indústria madeiro-moveleira, indústria extrativa mineral e indústria química. O Gráfico 29 mostra a variação diferenciada das atividades que recebem um maior impacto dinamizador dos grandes empreendimentos.

Evidentemente, o impacto geral nas atividades produtivas e na economia de Pernambuco depende do percentual das demandas geradas, que será atendido por produtores do Estado de Pernambuco (ou, pelo contrário, do percentual de evasão da demanda). Portanto, os

Gráfico 29 • Impacto dos empreendimentos por setor da economia de Pernambuco (%)



Fonte: Fiepe.

resultados finais sobre o desempenho futuro da economia e das diferentes atividades produtivas serão influenciados pelo nível de encadeamento das cadeias internamente, o que decorre, antes de tudo, das decisões de investimento em Pernambuco, tanto dos seus empresários quanto dos investidores externos.

É importante considerar ainda vários projetos em maturação e negociação, que também devem impactar no dinamismo da economia pernambucana e em diferentes atividades produtivas (além dos projetos industriais com incentivo do Prodepe).

Entre os empreendimentos, destacam-se os hotéis e *resorts* de bandeias internacionais previstos para Porto de Galinhas, Praia do Porto e Cabo de Santo Agostinho (só em Porto de Galinhas estão previstos investimentos de R\$ 364 milhões em quatro grandes hotéis); o pólo de hemoderivados, destinado à produção de fatores VIII e IX de coagulação, albumina, imunoglobulina e complexo protrombínico (com investimento de US\$ 65 milhões); e a siderúrgica de aços planos.

Essas decisões empresariais, por outro lado, serão fortemente influenciadas pelas vantagens competitivas sistêmicas de Pernambuco, que dependem dos investimentos estruturadores públicos e privados na infra-estrutura econômica e social, na qualificação da mão-de-obra e na inovação tecnológica.

### 2.3 Investimentos na infra-estrutura econômica e redefinição da competitividade setorial

De acordo com estudo do Movimento Brasil Competitivo, o Estado de Pernambuco tem a mais alta competitividade sistêmica do Nordeste e é o décimo no *ranking* nacional de Unidades da Federação. A Matriz 10 mostra a classificação da competitividade dos Estados feita pela instituição, diferenciando o índice e a posição para os três indicadores-síntese da competitividade. Como se pode constatar, Pernambuco sobe para a oitava posição no Brasil quando se trata de "conhecimento e inovação", ao mesmo tempo em que cai para a décima terceira em "infra-estrutura".

O futuro da economia de Pernambuco e, particularmente, dos diferentes setores e atividades produtivos depende das condições gerais de competitividade, pela sua capacidade de atração e viabilidade de investimentos — depende, portanto, da implementação de projetos de infra-estrutura previstos e em negociação, tanto pelos governos quanto pelo setor privado. Além do impacto

geral no dinamismo da economia, esses projetos promovem alteração na posição diferenciada da competitividade dos setores e atividades produtivos, redefinindo o ritmo de expansão e o peso relativo na economia pernambucana futura.

Vários projetos de infra-estrutura econômica estão em negociação (ou mesmo em implantação). A maioria deles consta da lista de empreendimentos anunciados no PAC do Governo Federal. De acordo com o cenário previsto na trajetória mais provável de Pernambuco (Parte 1), os diversos investimentos previstos em infra-estrutura devem ser implantados de forma lenta, nos primeiros anos, acelerando-se a partir da virada da década, quando a maior parte dos mesmos estaria sendo concluída<sup>24</sup>.

Além do impacto direto do elevado volume de investimentos previstos e do potencial efeito irradiador da produção local de insumos para implementação e funcionamento dessa infra-estrutura, Pernambuco deve melhorar, de forma significativa, a sua competitividade no Brasil, lembrando que o ponto frágil, segundo o estudo do Movimento Brasil Competitivo, estava na infra-estrutura econômica. Por outro lado, a distribuição

Matriz 10 • Classificação dos Estados brasileiros segundo a competitividade sistêmica

UF	ICE -F		Qualificação da força de trabalho		Conhecimento e inovação		Infra-estrutura	
	Índice	Ranking	Índice	Ranking	Índice	Ranking	Índice	Ranking
São Paulo	0,849	1	0,903	2	0,834	1	0,809	2
Rio de Janeiro	0,792	2	0,866	3	0,698	2	0,811	1
Distrito Federal	0,744	3	0,949	1	0,511	7	0,772	3
Rio Grande do Sul	0,711	4	0,720	4	0,692	3	0,722	5
Paraná	0,696	5	0,717	5	0,647	4	0,724	4
Santa Catarina	0,648	6	0,708	6	0,573	6	0,662	6
Minas Gerais	0,589	7	0,567	8	0,594	5	0,608	8
Mato Grosso do Sul	0,505	8	0,619	7	0,313	16	0,586	9
Espírito Santo	0,475	9	0,482	11	0,333	12	0,610	7
Pernambuco	0,436	10	0,529	10	0,357	8	0,423	13
Paraíba	0,432	11	0,540	9	0,356	9	0,399	14
Sergipe	0,408	12	0,459	12	0,258	20	0,505	10
Rio Grande do Norte	0,400	13	0,365	19	0,344	10	0,491	12
Goiás	0,401	14	0,394	15	0,302	17	0,506	11
Amazonas	0,385	15	0,426	13	0,330	13	0,400	15
Ceará	0,352	16	0,387	16	0,336	11	0,331	22

Fonte: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser / Movimento Brasil Competitivo, 2004.

<sup>24</sup> Os principais projetos de infra-estrutura econômica previstos ou em negociação já foram apresentados na Parte 1, pela sua importância no dinamismo futuro da economia.

regional dos investimentos previstos deve impactar diferentemente no território e nas atividades produtivas, influenciando a estrutura produtiva futura. Do ponto de vista desta, alguns projetos tendem a ter um impacto diferenciado de elevação de competitividade e dinamização:

- a ferrovia Transnordestina deve integrar Suape com o agronegócio dos cerrados (Mapa 2), abrindo uma importante saída para as exportações de grãos da região. A Transnordestina já alcançará parte dos cerrados nordestinos — sul do Piauí e do Maranhão e norte da Bahia — a partir de Eliseu Martins e com modais rodoviários se integrará com os cerrados do Centro-Oeste brasileiro, principalmente o núcleo de produção e exportação de grãos do Brasil. O projeto deve provocar impactos relevantes e diretos em três atividades produtivas:

Mapa 2



Fonte: CFN.

- viabilizando o transporte em larga escala e de baixo custo da gipsita do Araripe pernambucano, para ampliar o mercado e estimular a atividade da região;
- assegurando o suprimento de milho e ração para a avicultura do Agreste pernambucano, principalmente para evitar o estragamento atual da atividade e dinamizar a produção de ovos e frangos;
- reforçando a posição de Suape como eixo logístico central do Nordeste oriental.
- a integração de bacias, complementada pela rede de adutoras, permite ampliar a oferta de água para regiões com escassez crítica, principalmente o Agreste pernambucano, impactando positivamente na indústria de confecções da região, altamente dependente da disponibilidade de água.

#### 2.4 Fatores externos com impacto na estrutura produtiva

A trajetória mais provável do contexto mundial e nacional explicita um conjunto de tendências e processos externos ao Estado de Pernambuco, que deve gerar impactos diferenciados sobre a sua economia, mas também sobre os diferentes setores e atividades produtivos, influenciando a reestruturação da economia pernambucana. De forma sintética, eles estão apresentados, a seguir, já que devem se consolidar nos próximos 13 anos com a sua influência direta na estrutura produtiva estadual (Parte 1):

- abertura do comércio mundial incluindo redução de barreiras alfandegárias e subsídios para o açúcar, como resultado das negociações da OMC a partir de 2010. Além disso, as negociações avançam no sentido de inibir as formas espúrias de concorrência, moderando a agressividade da China no comércio mundial. Esta tendência pode viabilizar uma importante retomada da indústria açucareira de Pernambuco, principalmente nas áreas de maior competitividade;
- ampliação da demanda mundial de etanol, que passa a ser negociado como *commodity* nas próximas décadas, estimulado pelo Protocolo de Kyoto e pela estratégia norte-americana de redução da dependência de petróleo, o que leva a uma mudança importante da matriz energética com crescimento do álcool combustível. O aumento da demanda de álcool deve estimular a indústria sucro-alcooleira pernambucana, complementando a expansão da produção de açúcar;

- crescimento da demanda mundial de commodities e bens intermediários, principalmente pela China, incluindo minerais não-metálicos (gesso), indústria extrativa mineral, metalurgia etc. As atividades produtivas pernambucanas podem ser reanimadas pelo aumento da demanda, incluindo o gesso, que se tornaria mais competitivo com a infra-estrutura que provavelmente se implantará na segunda parte da trajetória futura mais provável;
- aumento significativo da demanda brasileira de alimentos e bens de consumo final, como resultado do efeito renda gerado pelo dinamismo da economia. O movimento pode impactar positivamente na indústria de alimentos e bebidas de Pernambuco (exceto açúcar, já referido anteriormente), bem como de outros bens de consumo final (confeções, por exemplo);
- expansão da construção civil e da demanda da cadeia produtiva dinamizando as atividades minerais não metálicas, a indústria extrativa mineral e a metalurgia;
- ampliação do movimento turístico mundial e nacional, como resultado da elevação da renda e do envelhecimento da população, o que deve estimular o dinamismo da atividade turística de Pernambuco.

## 2.5 Evolução e distribuição da demanda futura de bens e serviços de consumo final

Além do impacto na estrutura produtiva dos investimentos previstos e das mudanças no contexto externo, deve-se formar, no futuro, uma demanda diferenciada de bens e serviços de consumo final, decorrente da ampliação da renda e da provável redução da concentração de renda na população pernambucana. De acordo com a trajetória mais provável, a renda familiar mensal da população pernambucana deveria ser ampliada de R\$ 1.423,00, em 2007, para cerca de R\$ 1.556,00, em 2010, saltando para R\$ 2.997,00 em 2020. Este será o cenário final da trajetória mais provável (mais que duplica em 13 anos). A elevação da renda gera uma significativa ampliação da demanda por bens e serviços, parte da qual será atendida pela produção pernambucana.

Para estimar a distribuição dessas demandas nos principais itens de gasto das famílias, foram utilizados os dados da POF - Pesquisa de Orçamento Familiar (IBGE), mantendo-se os percentuais de 2003 constantes até 2010; para 2020, considerando uma leve desconcentração da renda (consistindo com a expectativa da trajetória mais provável), foram adotados como base de cálculo os

percentuais que a pesquisa identificou em alguns Estados mais ricos<sup>25</sup>. A evolução dos gastos das famílias por item de despesa está expressa na Tabela 3.

Tabela 3 • Demanda devido ao efeito-renda na trajetória mais provável (R\$ bilhões)

Itens de despesa	2007	2010	2020
Habitação <sup>26</sup>	11.84	14.48	30.68
Transporte <sup>27</sup>	4.86	5.95	16.14
Alimentação	9.42	11.52	16.70
Assistência à saúde <sup>28</sup>	2.13	2.61	5.50
Vestuário <sup>29</sup>	2.38	2.91	4.99
Educação <sup>30</sup>	1.24	1.52	3.83
Despesas diversas <sup>31</sup>	0.72	0.88	2.36
Recreação e cultura <sup>32</sup>	0.75	0.92	2.12
Higiene e cuidados pessoais <sup>33</sup>	1.05	1.29	1.85
Serviços pessoais <sup>34</sup>	0.35	0.43	0.87
Fumo	0.19	0.23	0.54
Outras	0.32	0.39	0.00

Fonte: Sebrae/Multivisão.

O consumo total anual das famílias foi calculado para os três intervalos da trajetória (cenários), analisando-se a expansão da demanda dos bens de consumo como resultado do efeito renda do crescimento do PIB. De acordo com o Gráfico 30, o item “habitação” é o que tende, em 2020, a apresentar o maior volume de demanda — cerca de R\$ 30,68 bilhões por ano<sup>35</sup>, quase triplicando a demanda de 2007 (R\$ 11,84 bilhões no primeiro ano e R\$ 14,48 bilhões em 2010). Em segundo lugar no volume de gastos familiares, o item “alimentação” alcança cerca de R\$ 16,70 bilhões, quase o dobro do registrado em 2007, estimado em R\$ 9,42 bilhões. Este item apresenta um ritmo mais lento de expansão, quando comparado com a habitação, por conta da mudança no perfil dos gastos no último cenário.

Transporte aparece em terceiro lugar no volume de gastos das famílias, quase alcançando o total da alimentação, na medida em que se aproxima de 2020 — passa de R\$ 4,86 bilhões, em 2007, para R\$ 5,95 bilhões, em 2010, e para R\$ 16,14 bilhões no final do período. O item “vestuário” também tem um aumento significativo da demanda, mas perde posição relativa na hierarquia de despesas familiares para a “assistência à saúde”, que salta de R\$ 2,13 bilhões, em 2007, para R\$ 5,5 bilhões, em 2020, um pouco

<sup>25</sup> Foi adotada uma média dos percentuais de Santa Catarina, São Paulo e Brasília como padrão de distribuição dos gastos das famílias pernambucanas em 2020.

<sup>26</sup> A atividade “habitação” contém os seguintes componentes: aluguel, serviços e taxas (energia elétrica, telefone fixo, telefone celular, gás doméstico, água e esgoto, e outros), manutenção do lar, artigos de limpeza, mobiliário, eletrodomésticos e consertos.

<sup>27</sup> Transporte é formado por transporte urbano, gasolina - veículo próprio, álcool - veículo próprio, manutenção - veículo próprio, aquisição de veículos e viagens.

<sup>28</sup> Assistência à saúde é formada pelos segmentos de remédios, plano/seguro de saúde, consulta e tratamento dentário, consulta médica, tratamento ambulatorial, serviços de cirurgia, hospitalização, exames diversos, material de tratamento e outros.

<sup>29</sup> Vestuário é formado pelos itens roupa (homem, mulher e criança), calçados e apetrechos, jóias e bijuterias e tecidos e armarinhos.

<sup>30</sup> Educação é formada por cursos (regulares, superior e outros), livros didáticos e revistas técnicas, artigos escolares e outros.

<sup>31</sup> Como despesas diversas são incluídos jogos e apostas, comunicação, cerimônias e festas, serviços profissionais, imóveis de uso ocasional e outras despesas.

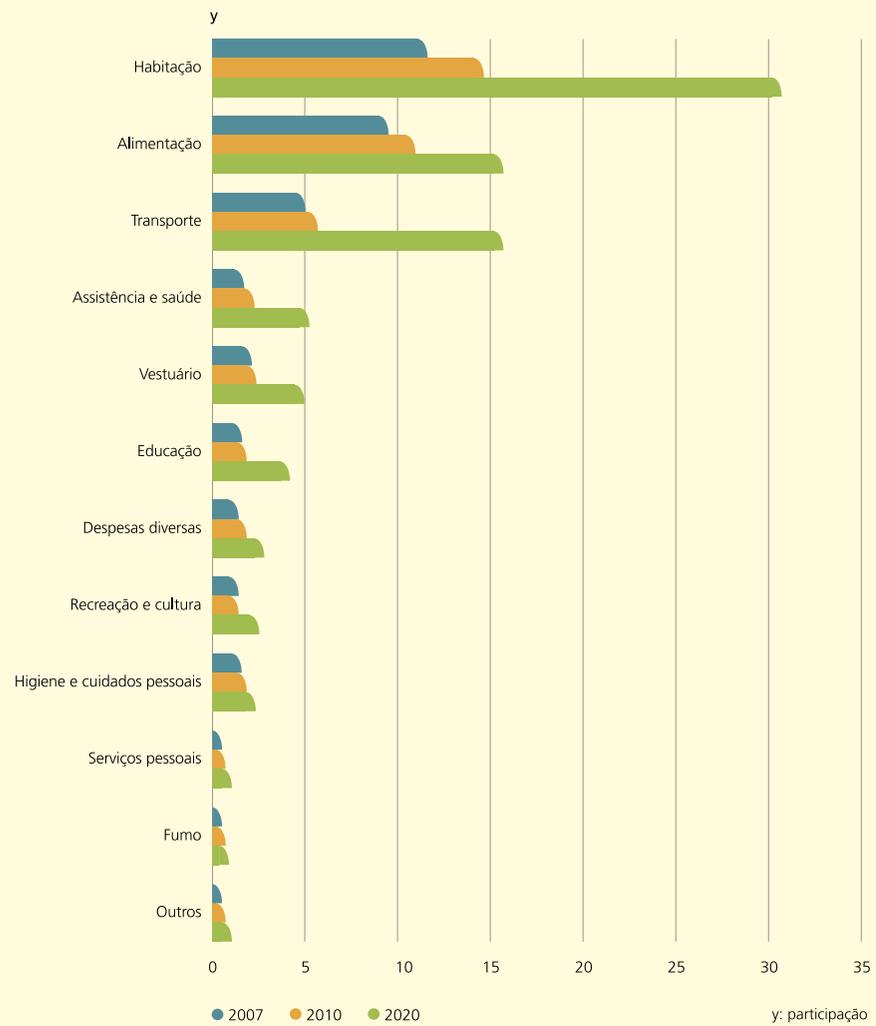
<sup>32</sup> As despesas com recreação e cultura contemplam brinquedos e jogos, celular e acessórios, periódicos, livros e revistas, diversões e esportes, e outras.

<sup>33</sup> Este segmento contém as seguintes componentes: perfume, produtos para cabelo, sabonete e instrumentos e produtos de uso pessoal.

<sup>34</sup> Serviços pessoais incluem os seguintes itens: cabeleireiro, manicure e pedicure, consertos de artigos pessoais e outros.

<sup>35</sup> Vale lembrar que, em 2020, a simulação da trajetória mais provável registrava um PIB para Pernambuco de R\$ 135 bilhões.

Gráfico 30 • Demanda devido ao efeito-renda por item de despesa na trajetória mais provável (R\$ bilhões)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

acima de “vestuário” (R\$ 4,99 bilhões no final do período). As despesas com “educação” mais que duplicam, nos 13 anos, passando de R\$ 1,24 bilhão, em 2007, para R\$ 1,52 bilhão, em 2010, e R\$ 3,83 bilhões, em 2020.

Do exposto, fica evidente que deverá haver um crescimento importante da demanda de bens e serviços de consumo final pelo efeito renda em Pernambuco, parte da qual poderá ser, efetivamente, atendida pelas empresas pernambucanas, sobretudo as MPes. O movimento de aumento da demanda nas atividades

de bens e serviços de consumo final será tanto maior quanto mais ousado for o empresariado pernambucano e maior a competitividade sistêmica do Estado, para a atração de investimentos voltados para os setores de consumo final.

### 3 Estrutura produtiva futura de Pernambuco

O capítulo anterior apresentou os processos em maturação na realidade estadual, que devem impactar na economia e promover alteração na estrutura produtiva futura do Estado. Como já referido, a reorganização da estrutura produtiva futura de Pernambuco será o resultado do efeito combinado dos cinco fatores analisados: concentração setorial dos investimentos incentivados, impacto setorial dos grandes projetos, redefinição da competitividade dos setores devido aos investimentos estruturadores, influência das tendências externas e influência do efeito renda na demanda de bens e serviços de consumo final.

Os dois subcapítulos, a seguir, analisam a mudança da estrutura produtiva em dois níveis de agregação — começam com uma visão mais geral do peso relativo futuro dos grandes setores produtivos e detalham o desempenho diferenciado esperado das atividades produtivas dos setores agropecuário, indústria de transformação e comércio e serviços. O último subcapítulo procura identificar os segmentos produtivos com maiores oportunidades de negócios futuras, combinando o dinamismo e a participação dos mesmos dentro dos setores.

#### 3.1 Mudança da estrutura produtiva

A primeira e mais significativa reorganização da estrutura produtiva futura de Pernambuco será o aumento da participação relativa do setor secundário e, particularmente, da indústria de transformação no PIB decorrente dos grandes investimentos em implantação e negociação. Na média dos próximos 13 anos, a indústria de transformação deverá registrar um dinamismo superior à média da economia pernambucana, promovendo a elevação do seu peso relativo na economia. O mesmo ocorrerá com a indústria extrativa mineral e com os serviços de utilidade pública, todos com médias de crescimento superiores a 8% ao ano, no mesmo período, aceleradas no último cenário (2011-2020); a indústria extrativa mineral deverá ter uma expansão de 8,8% em média, mesmo porque parte de uma base muito baixa e será estimulada por fatores externos (demanda mundial viabilizada pela Transnor-

destina) e pelo crescimento da construção civil. O crescimento dos serviços de utilidade pública resultará da implantação de investimentos importantes (parte dos quais no PAC) para atender às necessidades de energia e água da economia pernambucana.

Começando de forma moderada, nos primeiros anos, mesmo porque os processos estão amadurecendo lentamente, a indústria de transformação e a indústria extrativa mineral crescerão, em média, 9,6% ao ano, nos dez anos finais do intervalo, e cerca de 2,3 pontos percentuais acima da média do PIB pernambucano, que deve se expandir em torno de 7,3% ao ano (Tabela 4).

A construção civil é outro segmento produtivo que deverá crescer na trajetória mais provável acima da média do Estado, com taxa de 7,65% nos próximos 13 anos e aceleração a partir de 2011, quando se consolidam os investimentos de infra-estrutura e as demandas de habitação (nos últimos dez anos do período analisado). Três fatores complementares impulsionarão o dinamismo da construção civil: os investimentos em infra-estrutura econômica (especialmente rodovias, ferrovias e canais), as obras de implantação de grandes projetos produtivos (estaleiro e refinaria) e a demanda por residências e obras urbanas que resultam do efeito renda do crescimento da economia pernambucana. Assim, no período que corresponde ao segundo cenário da trajetória mais provável (2011-2020), a construção civil deverá se expandir a uma taxa média anual em torno de 8%, estimulando também o dinamismo de algumas outras atividades industriais.

O crescimento dos quatro setores do setor secundário num ritmo superior ao do PIB estadual tem como contrapartida um ritmo menor de expansão do setor "comércio e serviços", que corresponde a 5,63% ao ano, no mesmo período, e "agropecuária", com ritmo de crescimento de, aproximadamente, 5,37% (2006-2020). Apesar de inferior à média do Estado,

Tabela 4 • Taxa média de crescimento dos setores produtivos na trajetória mais provável (%)

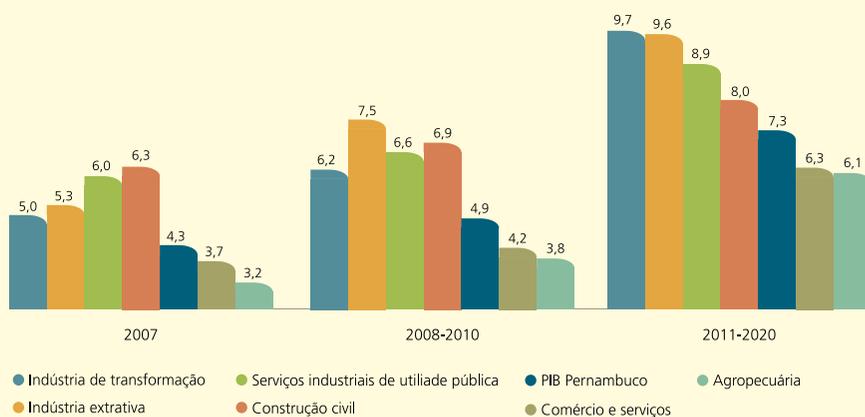
Setores econômicos	2007	2008-2010	2011-2020
Indústria de transformação	5,0	6,2	9,6
Indústria extrativa mineral	5,3	7,5	9,6
Serviços industriais de utilidade pública	6,0	6,6	8,9
Construção civil	6,3	6,9	8,0
PIB de Pernambuco	4,3	4,9	7,3
Comércio e serviços	3,7	4,2	6,3
Agropecuária	3,2	3,8	6,1

Fonte: Sebrae/Multivisão.

o crescimento da agropecuária será estimulado pela implantação da Transnordestina, que integra a área agrícola do Estado, pela demanda mundial de alimentos e pelo efeito renda, complementado com a ampliação da área irrigada. De qualquer forma, crescendo abaixo da média do Estado, os dois setores perdem participação relativa no PIB pernambucano, embora tenham uma importante ampliação da produção setorial. O setor “comércio e serviços” recebe impulso do conjunto da economia pernambucana, mas não acompanha o dinamismo da indústria de transformação, devido ao grande volume de investimentos previstos para este segmento produtivo. O Gráfico 31 mostra o crescimento diferenciado dos setores.

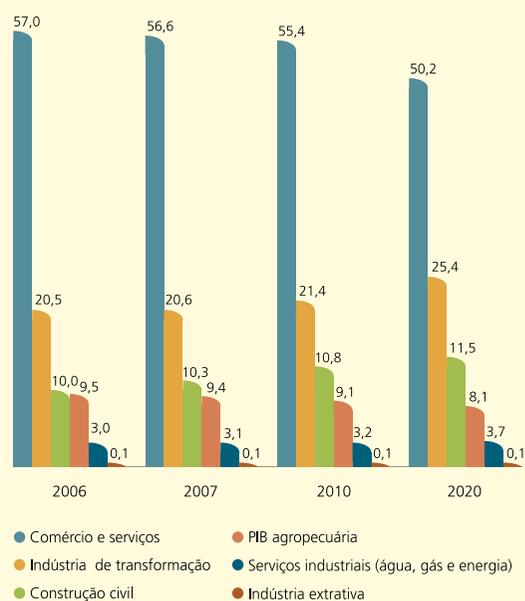
Como resultado desse crescimento diferenciado dos setores (acima ou abaixo da média do Estado), deve ocorrer uma alteração da estrutura produtiva, expressa na mudança da participação relativa dos mesmos no PIB de Pernambuco. O setor “comércio e serviços” continua sendo o maior PIB do Estado, embora a sua participação decline de 57%, em 2006, para 50,2%, em 2020. Ao mesmo tempo, a indústria de transformação experimenta um aumento importante do peso na economia, saindo de 20,5%, em 2006, para 26,4%, em 2020. E a construção civil passa de 10% para 11,5% nos 13 anos da trajetória (Gráfico 32). Já a agropecuária registra uma pequena redução na sua posição, apesar de um moderado dinamismo favorecido pela melhoria da competitividade por alguns dos grandes investimentos em infra-estrutura econômica, especialmente o projeto Canal do Sertão, com 150 mil hectares de área irrigada para produção de cana-de-açúcar para as

Gráfico 31 • Taxa média de crescimento dos setores produtivos na trajetória mais provável (%)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

Gráfico 32 • Evolução futura da estrutura produtiva de Pernambuco na trajetória mais provável (%)



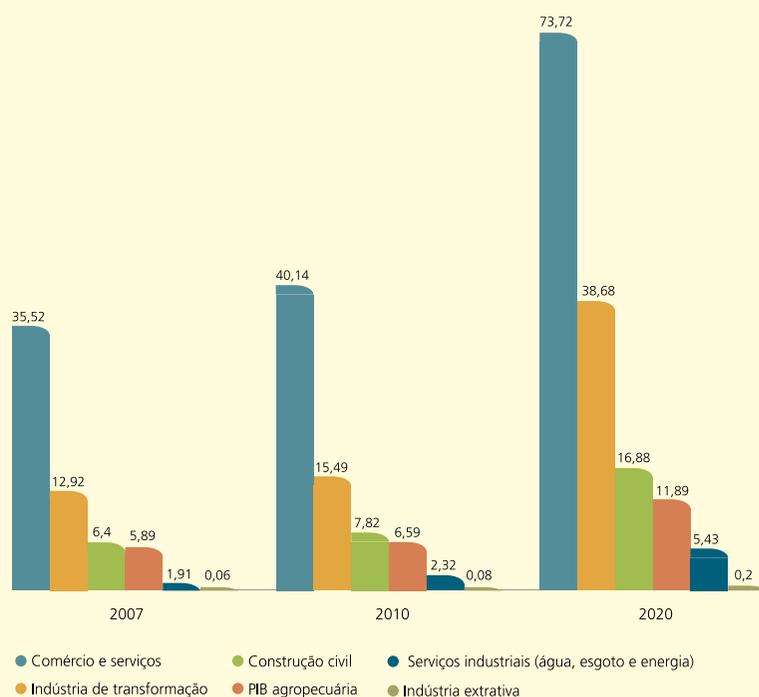
Fonte: Sebrae/Multivisão.

destilarias de álcool combustível — de 9,5% do PIB pernambucano, em 2006, para cerca de 8,1%, em 2020.

Acompanhando o ritmo de crescimento da economia pernambucana na trajetória mais provável, todos os setores elevam o volume de negócios de forma leve, nos primeiros anos, acelerando nas próximas décadas. Entretanto, com participações diferentes e modificadas no total do PIB do Estado, o volume de negócios dos setores mostrará desempenhos diferenciados. De acordo com o Gráfico 33, o setor “comércio e serviços” elevará o volume total de negócios de R\$ 35,52 bilhões, em 2007, para cerca de R\$ 40,14 bilhões, em 2010, e R\$ 73,72 bilhões, em 2020. Embora seja um dos setores que menos cresce no intervalo, os negócios do setor “comércio e serviços” mais que dobrarão em 13 anos.

A indústria de transformação, com a segunda maior força na economia estadual, mais que triplicará o volume de negócios entre 2007 e 2020, passando de R\$ 12,92 bilhões para cerca de R\$ 38,68 bilhões no final do período (mesmo assim, quase a metade do resultado do setor “comércio e serviços”) — em 2010, o volume de negócios da indústria de transformação deverá alcançar R\$ 15,46 bilhões. A construção civil registrará, em 2020, um volume total de negócios da ordem de R\$ 16,88 bilhões, evidenciando um ritmo

Gráfico 33 • Evolução do volume de negócios dos setores produtivos na trajetória mais provável (%)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

também acelerado de expansão da atividade; em 2007, correspondia a R\$ 6,40 bilhões, subindo para R\$ 7,82 bilhões em 2010, um moderado aumento que reflete o pouco tempo do início da expansão da demanda industrial e residencial por obras de construção.

Embora apresente taxa de crescimento abaixo da média da economia pernambucana, a agropecuária também mostrará um desempenho positivo de expansão dos negócios nos próximos 13 anos. Com efeito, acompanhando de perto o movimento geral da economia, os negócios no setor sofrerão um aumento de R\$ 5,89 bilhões, em 2007, para R\$ 6,59 bilhões, em 2010. Nos dez anos seguintes, crescerão para cerca de R\$ 11,89 bilhões, pouco menos do dobro do estimado para este primeiro ano.

Os serviços industriais de utilidade pública também mostram uma evolução do volume de negócios, embora se mantenham em nível relativamente baixo, quando comparados com os outros setores: saem de pouco menos de dois bilhões de reais, em 2007 (R\$ 1,91 bilhão), para cerca de R\$ 2,32 bilhões, em 2010, saltando para R\$ 5,43 bilhões no final da segunda década. A indústria extrativa mineral, que tem uma das mais altas taxas de cresci-

mento, registrará aumento dos negócios, mas manterá o mais baixo volume; com efeito, em 2007, estima-se que o setor tenha apresentado um volume total de negócios de, aproximadamente, R\$ 60 milhões, aumentando para cerca de R\$ 80 milhões, em 2010, e R\$ 200 milhões, em 2020.

### 3.2 Atividades dinâmicas da economia pernambucana

De forma mais detalhada e partindo de uma análise interna dos setores, foram identificadas as atividades de maior dinamismo econômico futuro em Pernambuco — o seu desempenho flutua em torno do crescimento médio dos setores em que estão contidas, assegurando a consistência do conjunto e contribuindo para a definição da média setorial.

#### 3.2.1 Indústria de transformação

A indústria de transformação deve crescer, em média, 8,53% (anualmente), nos próximos 13 anos, contemplando atividades com dinamismo superior ou inferior à média setorial, devido aos impactos diferenciados dos processos analisados na trajetória mais provável.

A Tabela 5 mostra essa distribuição de dinamismo diferenciado das atividades da indústria de transformação, destacando-se as indústrias têxtil e confecções<sup>36</sup>, produtos reciclados, equipamentos de transporte<sup>37</sup>, artigos de borracha e plástico, refino de petróleo e combustível, produtos de metal<sup>38</sup>, produtos químicos<sup>39</sup> e minerais não-metálicos<sup>40</sup>, todas com crescimento superior à média do setor. Apenas um pouco abaixo da média do setor, ainda podendo ser consideradas atividades dinâmicas, a indústria de alimentos e bebidas e a metalurgia básica, ambas com uma média de crescimento no período de 8,2% ao ano, mesmo assim bem acima da expansão do PIB pernambucano.

Cinco das atividades dinâmicas devem crescer, nos próximos 13 anos, pouco mais de 10% anuais, com aceleração no Cenário 2 (2011-2020), quando se intensificam os efeitos de maturação dos grandes investimentos e seus encadeamentos produtivos no Estado. Embora a atividade têxtil seja uma das mais dinâmicas no período, no rastro do pólo de poliéster, “confecções” fica numa posição moderada e abaixo da média setorial, com uma taxa anual de crescimento de 6,46%, nos 13 anos, estimulada pelo efeito renda.

O movimento diferenciado de crescimento das atividades da indústria de transformação pode ser constatado também no

<sup>36</sup> Beneficiamento de fibras têxteis naturais; fiação e tecelagem; artefatos têxteis, incluindo tecelagem; acabamento em fios, tecidos e artigos têxteis; artefatos têxteis a partir de tecidos - exceto vestuário; fabricação de tecidos e artigos de malha; confecção de artigos do vestuário; fabricação de acessórios do vestuário e de segurança profissional - exceto calçados.

<sup>37</sup> Construção e reparação de navios, barcos, plataformas e embarcações diversas; e de veículos ferroviários.

<sup>38</sup> Produção de ferro-gusa e ferro-liga; siderurgia - produção de aço; fabricação de tubos - exceto siderúrgico; metais não-ferrosos; produtos da fundição; estruturas metálicas e obras de caldeiraria pesada; forjaria, estamparia, metalurgia do pó e serviços de tratamento de metais; fabricação de artigos de cutelaria, serralheria e ferramentas manuais; fabricação de tanques, caldeiras e reservatórios metálicos.

<sup>39</sup> Alcoolquímica; produtos químicos orgânicos/inorgânicos; fabricação de resinas e elastômeros; farmacêuticos; defensivos agrícolas; perfumaria, higiene e limpeza; tintas, vernizes, esmaltes e lacas; produtos e preparos químicos diversos; produtos derivados de petróleo (refinaria); produção de álcool e produção de biocombustíveis.

<sup>40</sup> Fabricação de vidro e produtos do vidro; fabricação de cimento; fabricação de artefatos de cimento; fabricação de artefatos de gesso; fabricação de produtos cerâmicos; fabricação de cal e de outros produtos de minerais não-metálicos.

Gráfico 34, apresentando as taxas médias em cada cenário da trajetória mais provável. Como resultado dessas taxas de crescimento das atividades, deve ser registrada, no futuro, uma alteração da participação relativa das mesmas no valor de transformação industrial, ampliando o peso daquelas com dinamismo superior à média setorial, em detrimento das que crescem em ritmo inferior.

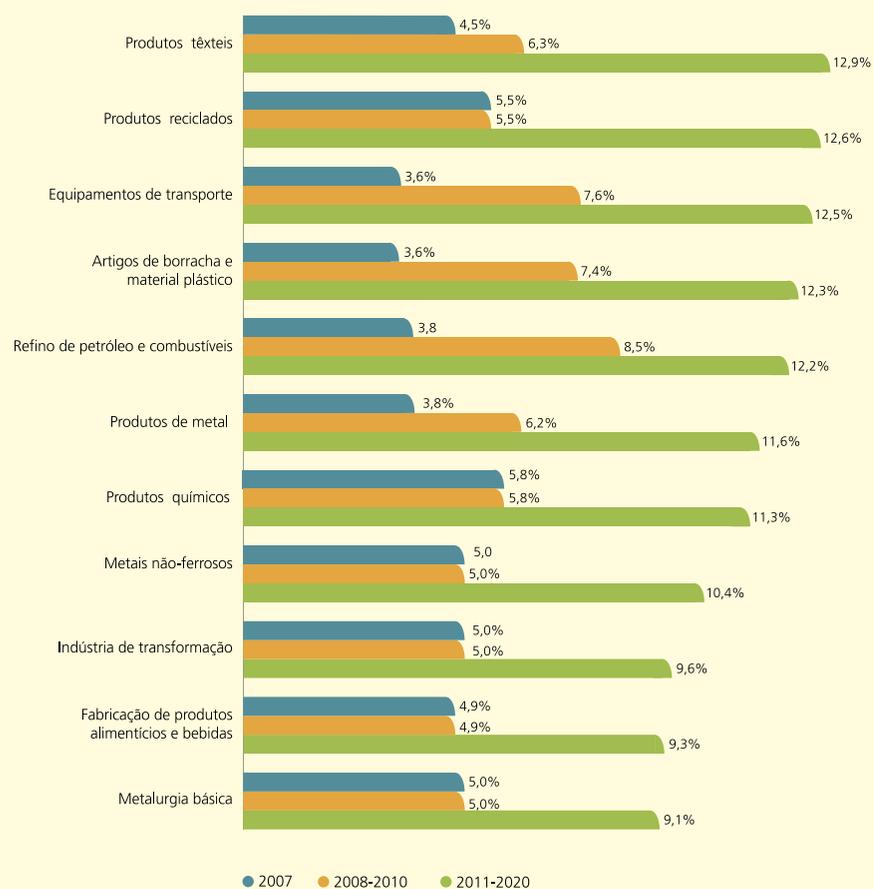
Como pode ser visto no Gráfico 35, a indústria de alimentos e bebidas perde participação relativa na indústria de transformação, mesmo sendo a maior atividade do setor, ao mesmo tempo em que

Tabela 5 • Taxa média de crescimento das atividades produtivas da indústria de transformação na trajetória mais provável (%)

Itens de despesa	2007	2008-2010	2011-2020
Produtos têxteis	4,5	6,3	12,9
Produtos reciclados	5,5	6,6	12,5
Equipamentos de transporte	3,6	7,6	12,5
Artigos de borracha e material plástico	3,8	7,4	12,3
Refino de petróleo e combustível	3,8	8,5	12,2
Produtos de metal	5,0	6,2	11,6
Produtos químicos	5,8	6,9	11,3
Minerais não-metálicos	5,0	6,2	10,4
<b>Indústria de transformação</b>	<b>5,0</b>	<b>6,2</b>	<b>9,6</b>
Fabricação de produtos alimentícios e bebidas	4,9	5,7	9,3
Metalurgia básica	5,0	6,2	9,1
Confecção de artigos do vestuário	4,5	6,2	6,7
Móveis e artefatos de madeira	4,0	7,2	6,5
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	4,3	5,5	5,8
Edição e reprodução	5,0	6,2	5,5
Produtos de madeira	3,7	7,5	5,2
Celulose e papel	5,0	5,7	4,4
Produtos do fumo	3,5	4,3	3,8
Material eletrônico e aparelhos de comunicação	3,6	4,7	3,6
Máquinas para escritório e informática	3,7	4,8	3,6%
Montagem de veículos	3,8	4,9	3,5
Couros e fabricação de artefatos de couro	3,9	5,0	3,5
Máquinas e equipamentos	5,0	6,2	3,1
Equipamentos e instrumentos de precisão	5,0	6,2	3,1

Fonte: Sebrae/Multivisão.

Gráfico 34 • Taxas médias de crescimento das atividades mais dinâmicas da indústria de transformação (trajetória mais provável)

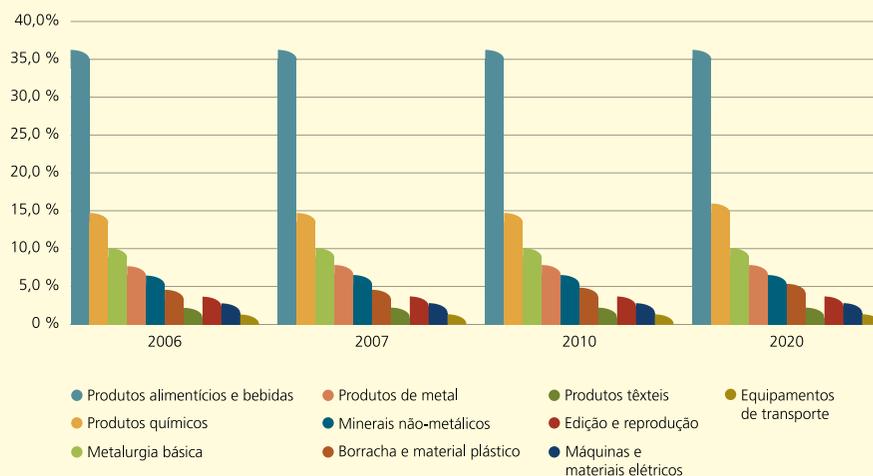


Fonte: Sebrae/Multivisão.

aumentam sua participação a indústria têxtil, a indústria de reciclagem, os equipamentos de transporte, os produtos de borracha e plástico, o refino de petróleo e combustível, e os produtos químicos.

A evolução das participações relativas das atividades produtivas na indústria de transformação permite estimar o volume de negócios diferenciados, alcançado por cada uma delas. Todas as atividades da indústria de transformação experimentam um aumento do volume de negócios no futuro (2007-2020), embora de forma desigual e com diferentes valores de produção, refletindo diversidade nas oportunidades de negócios.

Gráfico 35 • Evolução futura da estrutura das principais atividades da indústria de transformação (trajetória mais provável)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

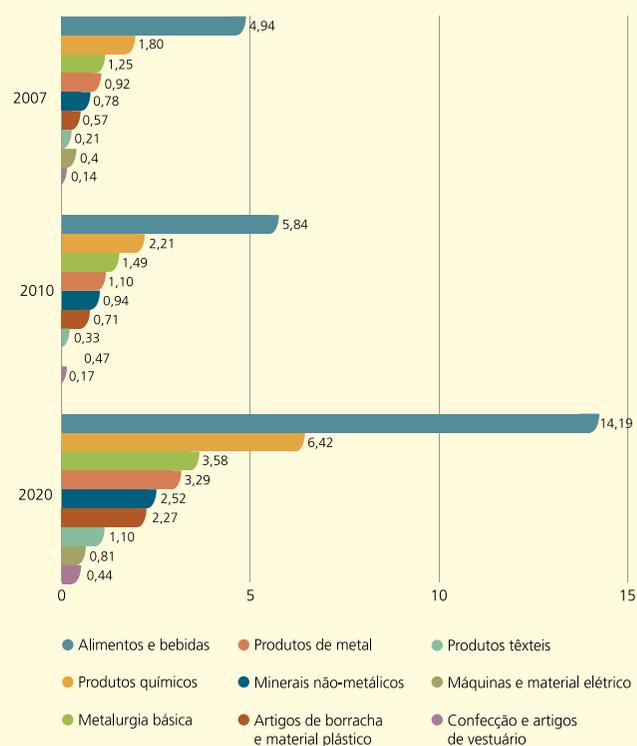
O Gráfico 36 mostra o volume de negócios das nove atividades de maior peso na indústria de transformação, evidenciando a amplitude do valor de produção da indústria de alimentos e bebidas; embora não seja a que mais cresça, parte de uma base já muito alta, de modo que o volume de negócios passa de R\$ 4,94 bilhões, em 2007, para R\$ 5,84 bilhões, em 2010, alcançando R\$ 14,19 bilhões no final da próxima década (2020).

A atividade com o segundo maior volume de negócios é a indústria de produtos químicos, bem abaixo da indústria de alimentos e bebidas, mas com um significativo aumento do valor da produção, que triplica nos 13 anos, alcançando R\$ 6,42 bilhões em 2020; o mesmo movimento de ampliação dos negócios ocorre com a metalurgia básica; a indústria de minerais não-metálicos; os artigos de borracha e material plástico; os produtos têxteis; as máquinas, aparelhos e materiais elétricos; e as confecções e artigos de vestuário.

As atividades com menor peso relativo na indústria de transformação também registram aumento do volume de negócios, mas se mantêm em um patamar relativamente baixo quando comparadas com as atividades que lideram a economia pernambucana (Gráfico 36).

De qualquer modo, merecem destaque aquelas com maior dinamismo futuro que, apesar do volume de produção modesto, abrem grandes oportunidades de negócios. É o caso das seguintes atividades: “equipamentos de transporte”, estimulada pela implantação do estaleiro; “refino de petróleo e combustível”, alavancada pela refinaria; “móveis e artefatos diversos de

Gráfico 36 • Evolução do volume de negócios das principais atividades industriais na trajetória mais provável (R\$ bilhões)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

madeira”; respondendo à demanda do estaleiro e do efeito renda; “produtos reciclados”, reforçada pela consciência ambiental e preocupação com a economia de energia; e “produtos de madeira”, dinamizada pela construção civil.

### 3.2.2 Comércio e serviços

O setor “comércio e serviços” deve crescer abaixo da média do PIB pernambucano, mas algumas atividades se destacam pelo dinamismo, com um crescimento bem acima do setor e superior também à expansão do produto estadual. A análise dos impactos das tendências sobre a estrutura do setor leva a concluir que apenas a atividade “administração pública e seguridade social” tem um baixo crescimento, trazendo a média setorial para 5,63% ao ano no período; com efeito, estima-se que a atividade pública tenha, nos

13 anos, um crescimento médio anual de apenas 3,05%, o que reflete o patamar elevado da mesma e a mudança da organização do Estado.

A Tabela 6 mostra a taxa de crescimento das atividades do setor na trajetória mais provável, partindo de um ritmo mais baixo e evoluindo na medida em que o conjunto da economia pernambucana cresce, estimulando o comércio e os serviços. As cinco atividades mais dinâmicas nos próximos 13 anos, crescendo, em média, mais de 7% ao ano, devem ser "transporte, armazenagem e correios", formando uma cadeia de logística de grande potencial no Estado e com crescimento superior a 8,5%; "alojamento e alimentação", que se articula na cadeia do turismo refletindo a expansão mundial e nacional do fluxo turístico; "serviços de manutenção e reparos"; "serviços prestados a empresas"; e "serviços imobiliários e aluguel".

O ritmo de crescimento diferenciado das atividades do setor "comércio e serviços" pode ser visto também no Gráfico 37, distinguindo o desempenho considerado provável em 2007 e a média dos dois cenários da trajetória mais provável.

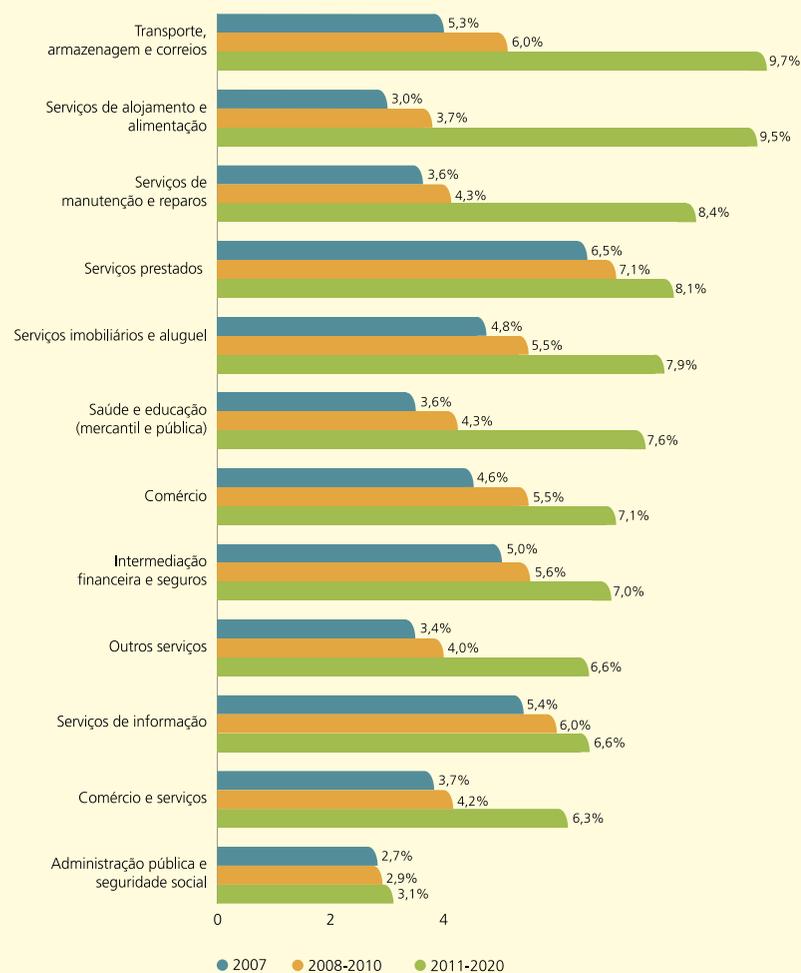
A diferença de dinamismo das atividades provoca, nesse período, uma reorganização da estrutura produtiva, reduzindo o peso relativo da "administração pública e seguridade social" enquanto todas as outras atividades, com maior ou menor intensidade, ampliam a participação no produto setorial.

Tabela 6 • Taxa média de crescimento das atividades produtivas dos setores de comércio e serviços na trajetória mais provável (%)

Atividades	2007	2008-2010	2011-2020
Transporte, armazenagem e correios	5,3	6,0	9,7
Serviços de alojamento e alimentação	3,0	3,7	9,5
Serviços de manutenção e reparos	3,6	4,3	8,4
Serviços prestados	6,5	7,1	8,1
Serviços imobiliários e aluguel	4,8	5,5	7,9
Comércio	3,6	4,3	7,6
Saúde e educação (mercantil e pública)	4,6	5,5	7,1
Intermediação financeira e seguros	5,0	5,6	7,0
Outros serviços	3,4	4,0	6,6
Serviços de informação	5,4	6,0	6,6
Comércio e serviços	3,7	4,2	6,3
Administração pública e seguridade social	2,7	2,9	3,1

Fonte: Sebrae/Multivisão.

Gráfico 37 • Taxa média de crescimento das atividades dos setores de comércio e serviços (trajetória mais provável)

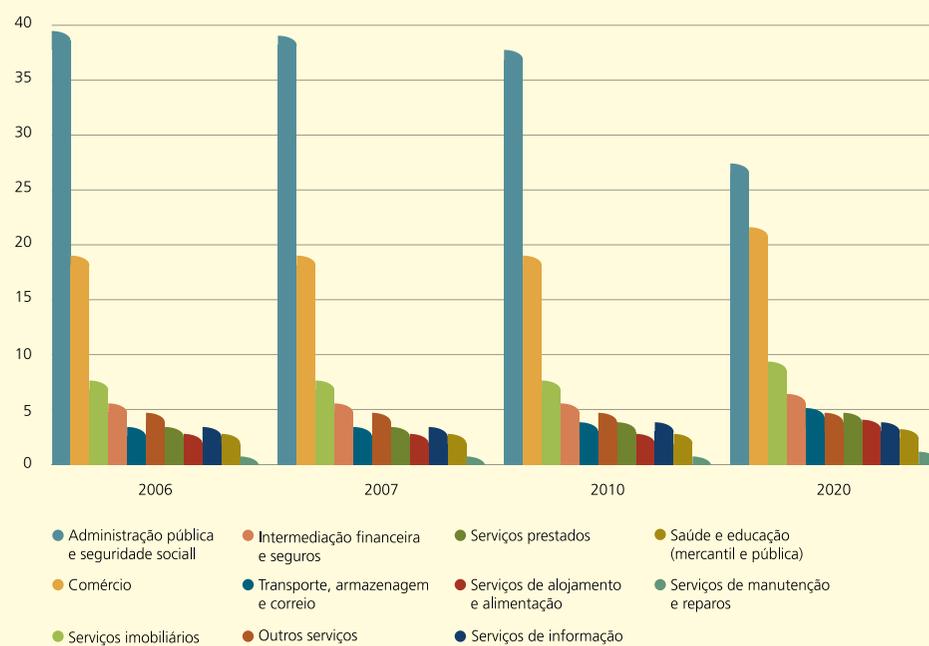


Fonte: Sebrae/Multivisão.

Com efeito, como mostra o Gráfico 38, a administração pública diminui em quase 12 pontos percentuais sua contribuição para o produto do setor, passando de 39%, em 2007, para cerca de 27,6%, embora continue sendo a mais importante do setor "comércio e serviços". Em segundo lugar na participação do setor se posiciona o comércio, que aumenta o peso relativo de 19,6%, em 2007, para 22,2%, em 2020 (mesmo assim, quase cinco pontos percentuais abaixo do primeiro lugar).

Os setores que mais crescem na participação relativa partem de uma base muito baixa, de modo que não avançam na hierarquia, exceto "transporte, armazenagem e correios" (logística), que

Gráfico 38 • Evolução futura da estrutura dos setores de comércio e serviços na trajetória mais provável (%)



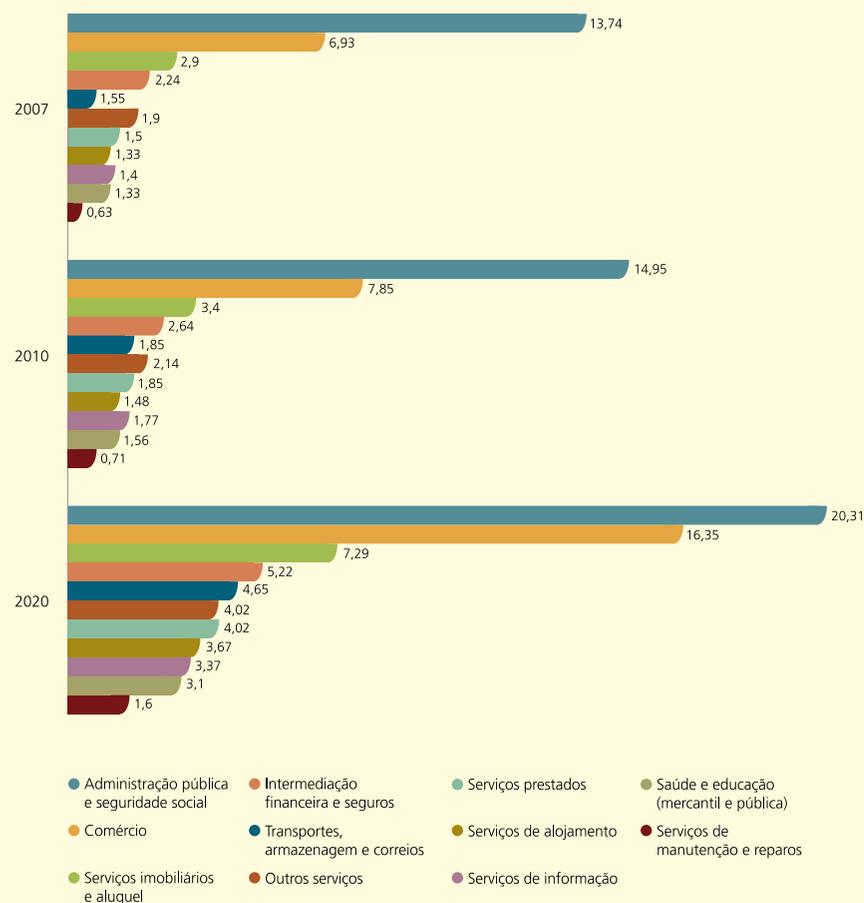
Fonte: Sebrae/Multivisão.

passa da sexta para a quinta posição (entre 2007 e 2020); e “serviços prestados a empresas”, que evolui da oitava para a sétima posição, neste período, posicionando-se como a maior atividade do setor.

As participações relativas das atividades do setor “comércio e serviços” no futuro permitem definir o volume de negócios alcançado por cada uma delas, ao longo dos próximos 13 anos (Gráfico 39). Assim, mesmo reduzindo bastante a participação no volume de produção do setor, a “administração pública e seguridade social” registra um aumento de, aproximadamente, R\$ 7 bilhões na atividade, permanecendo ainda como a de mais elevado valor — de R\$ 13,74 bilhões, em 2007, este valor sobe pouco até 2010, mesmo porque é um período muito curto, chegando a cerca de R\$ 14,95 bilhões (em 2020, este total dos negócios no segmento público deve alcançar mais de R\$ 20 bilhões).

As atividades comerciais mais que dobram o volume de negócios nos 13 anos, aproximando-se do total do valor apresentado pela administração pública; mesmo assim, em 2020, o comércio ainda terá um movimento econômico quase 25% abaixo da administração pública. De qualquer forma, é significativo o volume de negócios do comércio, que se eleva de quase R\$ 7 bilhões, em 2007, para cerca de R\$ 15,35 bilhões, em 2020.

Gráfico 39 • Evolução do volume de negócios das atividades dos setores de comércio e serviços na trajetória mais provável (%)



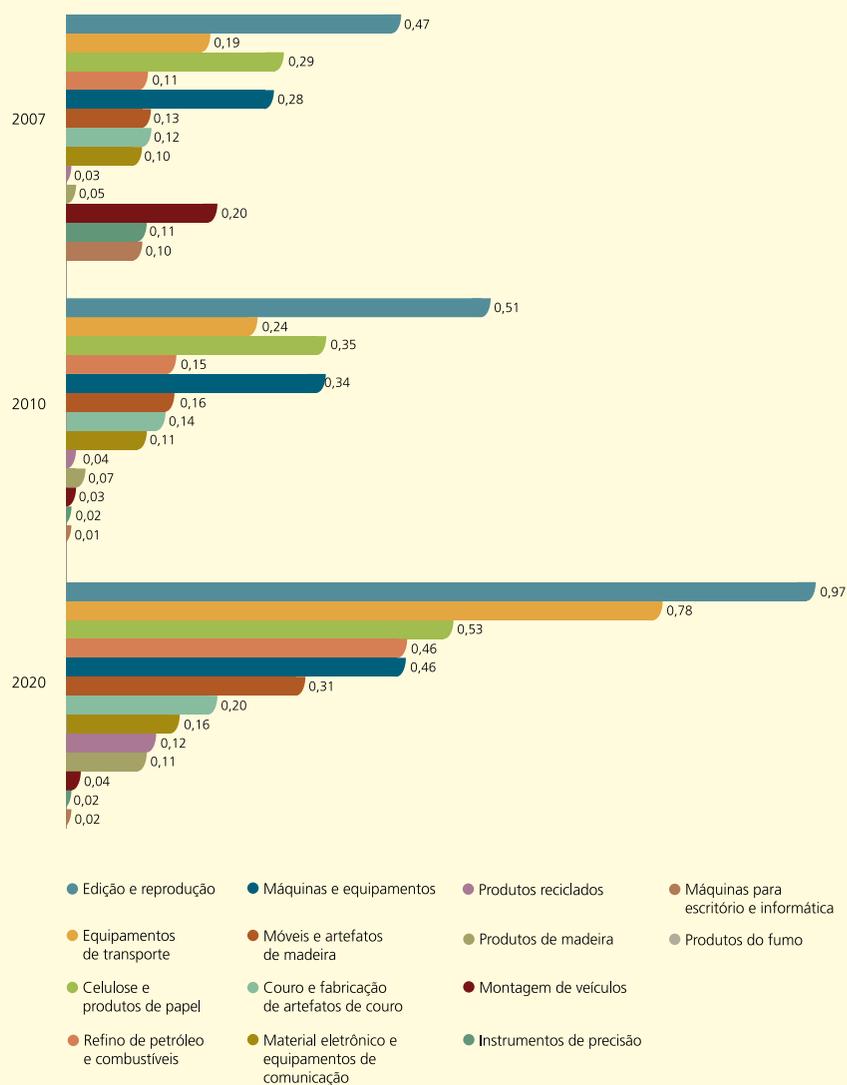
Fonte: Sebrae/Multivisão.

As atividades de maior dinamismo, mesmo com peso moderado no setor, mostram uma evolução importante no volume de negócios futuros: “transporte, armazenagem e correios” alcança, em 2020, um valor total de produção de R\$ 4,65 bilhões e “alojamento e alimentação” deve registrar um volume de negócios de R\$ 3,67 bilhões, em 2020 (Gráfico 40).

### 3.2.3 Agropecuária

No setor com menor crescimento da trajetória mais provável — a agropecuária, ocorre uma grande dispersão no ritmo de

Gráfico 40 • Evolução do volume de negócios das atividades industriais de menor peso na trajetória mais provável (R\$ bilhões)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

expansão e dinamismo das principais atividades produtivas estudadas. Na média dos 13 anos, a agropecuária deve crescer com uma taxa de 5,63% ao ano, a ser ampliada na medida em que vão amadurecendo, no tempo, os processos internos e externos. Três atividades superam a média setorial: cana-de-açúcar, avicultura e fruticultura.

A cana-de-açúcar é a atividade que tende a crescer mais, estimulada pela ampliação da demanda mundial de açúcar e álcool, e pela abertura do

comércio internacional, com uma média de 7,63% no período, acelerando-se no último cenário (2011-2020), como mostra a Tabela 7; segundo a estimativa, a atividade canavieira deve crescer bem acima da média da economia pernambucana. A avicultura tem um desempenho um pouco superior à média da economia estadual, com 6,52%, mas, ainda assim, acima do setor. A pecuária, com a maior participação relativa na agropecuária, apresenta um crescimento modesto e inferior ao ritmo geral do setor, perdendo, portanto, participação relativa.

O Gráfico 41 mostra a taxa de crescimento das atividades da agropecuária na trajetória mais provável, destacando o movimento diferenciado da cana-de-açúcar, da avicultura e da fruticultura. Essa diferença na taxa de crescimento das atividades provoca, ao longo do período, uma alteração da participação relativa das mesmas no produto agropecuário.

De acordo com o Gráfico 42, a pecuária declina de 28,4%, em 2007, para 25,5%, em 2020. Embora continue sendo a mais importante atividade do setor, deve diminuir bastante a diferença da participação da agropecuária para a avicultura e a cana-de-açúcar.

Considerando a elevação do valor da produção agropecuária no período, pode-se calcular o volume de negócios das principais atividades produtivas do setor, refletindo a ordem de grandeza das oportunidades que se abrem no futuro. O Gráfico 43 mostra que a pecuária apresenta uma expansão lenta, porém quantitativamente importante do seu valor de produção, passando de R\$1,67 bilhão, em 2007, para R\$ 1,84 bilhão, em 2010, e R\$ 2,87 bilhões, em 2020.

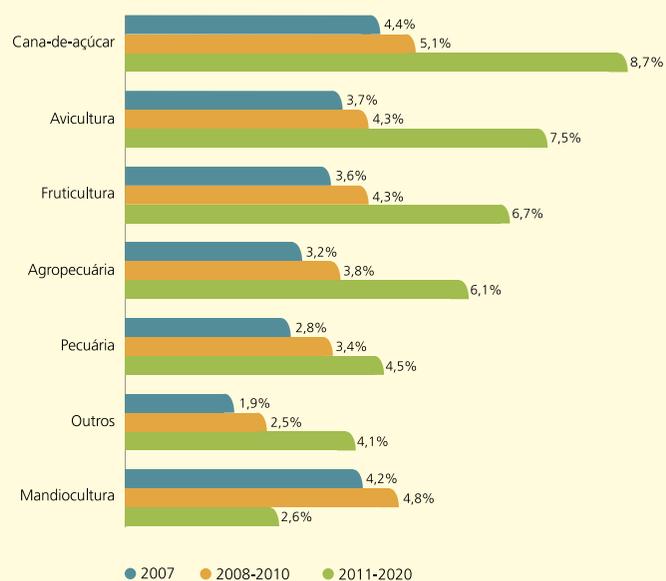
Enquanto isso, a avicultura registra um aumento significativo do volume de negócios, aproximando-se da pecuária no final do período — em 2020, com R\$ 2,7 bilhões, o valor de produção da avicultura é pouco

Tabela 7 • Taxa média de crescimento das atividades produtivas da agropecuária (%)

Atividades	2007	2008-2010	2011-2020
Cana-de-açúcar	4,4	5,1	8,7
Avicultura	3,7	4,3	7,5
Fruticultura	3,6	4,3	6,7
Agropecuária	3,2	3,8	6,1
Pecuária	2,8	3,4	4,5
Outros	1,9	2,5	4,1
Mandiocultura	4,2	4,8	2,6

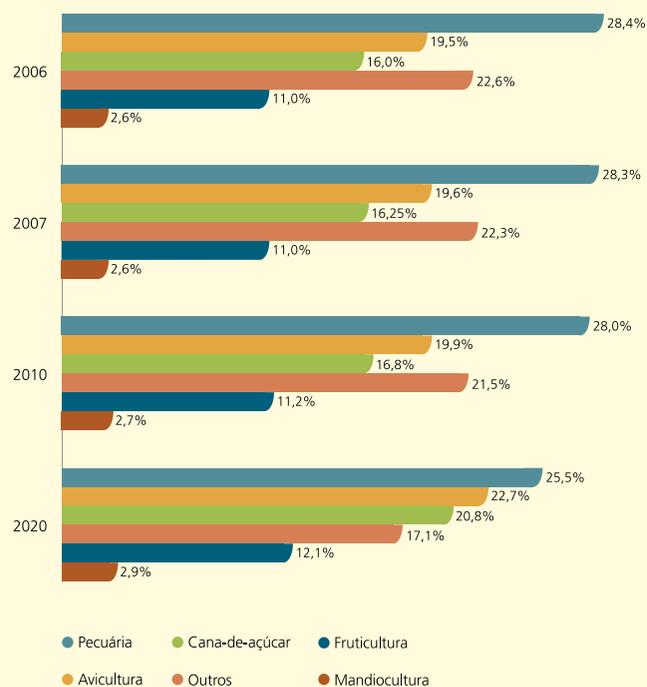
Fonte: Sebrae/Multivisão.

Gráfico 41 • Taxa de crescimento das atividades agropecuárias na trajetória mais provável



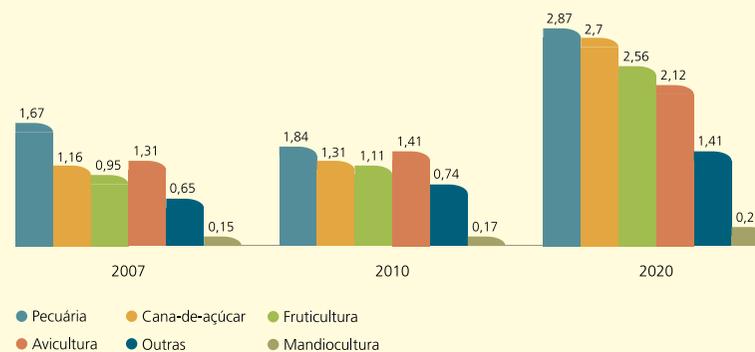
Fonte: Sebrae/Multivisão.

Gráfico 42 • Evolução futura da estrutura da agropecuária na trajetória mais provável



Fonte: Sebrae/Multivisão.

Gráfico 43 • Evolução do volume de negócios das atividades agropecuárias na trajetória mais provável (R\$ bilhões)



Fonte: Sebrae/Multivisão.

menor que os R\$ 2,87 bilhões da pecuária e representa mais do dobro do volume estimado para 2007, que é de R\$ 1,16 bilhão.

O aumento do valor de produção da cana-de-açúcar e, portanto, das oportunidades de negócios, também é bastante significativo: passa de R\$ 950 milhões, em 2007, para R\$ 1,11 bilhão, em 2010, e R\$ 2,56 bilhões, em 2020, aproximando-se da pecuária e da avicultura.

### 3.3 Dinamismo e peso econômico das atividades

As oportunidades de negócios acompanham o dinamismo diferenciado dos setores e atividades produtivos. Em princípio, quanto mais dinâmica uma atividade, maiores as oportunidades abertas para investimentos lucrativos no adensamento produtivo. Entretanto, se o dinamismo mostra a ampliação de oportunidades, o seu volume (ou escala) dependerá também do porte das atividades produtivas. Assim, mesmo uma atividade que cresça de forma moderada pode abrir grandes oportunidades de negócios, caso se trate de um segmento de grande porte no Estado. Por isso, para refinar a estimativa de oportunidades de negócios, foi feita uma análise combinando o dinamismo (expresso pela taxa de crescimento) e o porte da atividade (expresso pela sua participação relativa no setor).

Desagregando a análise pelos setores (indústria de transformação, comércio e serviços, e agropecuária), os dois conceitos foram organizados num sistema de coordenadas que permite construir um diagrama (dinamismo/participação)<sup>41</sup>, formando

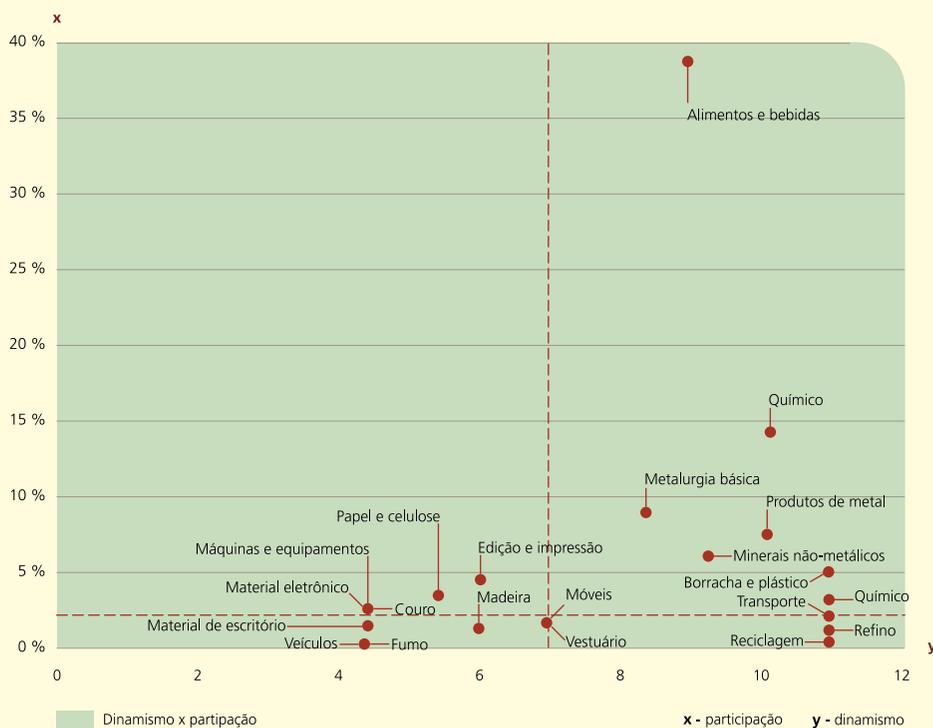
<sup>41</sup> O dinamismo foi distribuído na abscissa e a participação na ordenada.

quatro quadrantes (cortados pelas medianas): alto dinamismo e alta participação, onde se concentram as grandes oportunidades; alto dinamismo e baixa participação, levando a oportunidades limitadas (embora crescentes); baixo dinamismo e alta participação, com moderadas oportunidades (embora estagnadas); e baixo dinamismo e baixa participação, com poucas oportunidades de negócios.

Como a construção civil foi analisada como um setor, não foi incluída na análise a seguir, embora seja evidente que se trata de uma atividade de grande peso na economia, quando comparada com as atividades dos setores e o alto dinamismo futuro.

Na indústria de transformação (Diagrama 2), as maiores oportunidades de negócios destacam-se nas seguintes atividades (quadrante direito superior de alto dinamismo e alta participação): alimentos e bebidas, produtos de metal, química, minerais não-metálicos, produtos de borracha e plástico, metalurgia básica, têxtil e transportes.

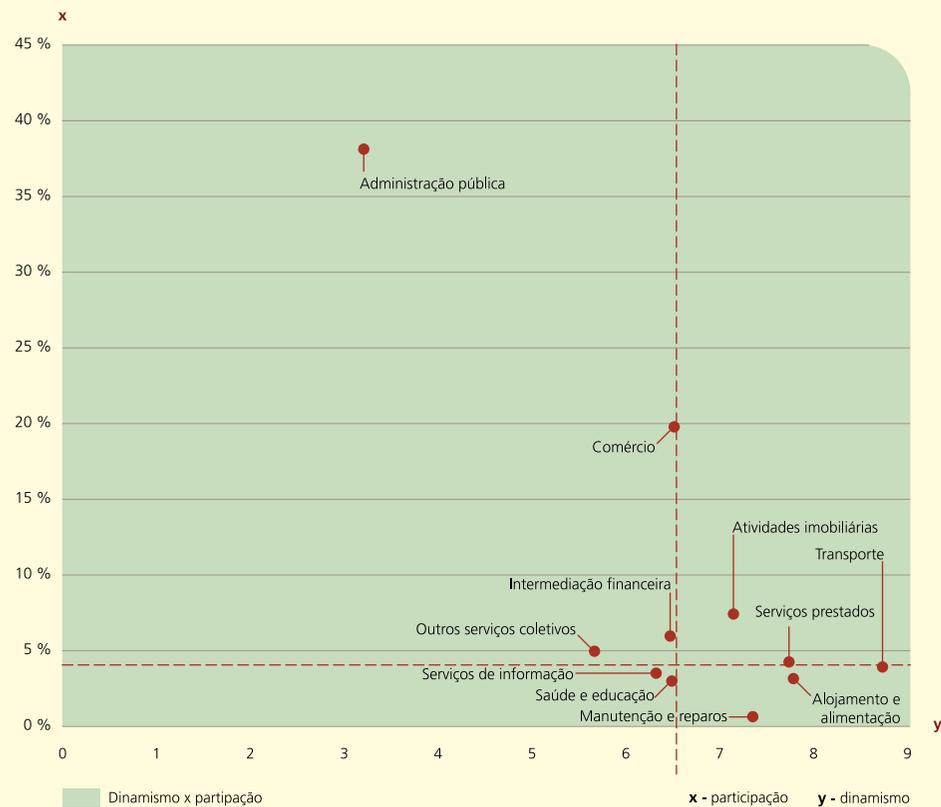
Diagrama 2 - Dinamismo x participação das atividades da indústria de transformação



Fonte: Sebrae/Multivisão.

Por sua vez, o Diagrama 3 procura organizar as atividades do setor “comércio e serviços” segundo o dinamismo e as participações, destacando como de grandes oportunidades de negócios as atividades que se situam no quadrante direito superior — “transporte, armazenagem e correios” (logística), “atividades imobiliárias” e “serviços prestados a empresas”, podendo ser considerada também “alojamento e alimentação”, que está pouco abaixo da mediana (quase na linha) da participação, mas deve ampliar esta posição pelo dinamismo futuro. A atividade “administração pública e seguridade social” tem uma grande participação no produto setorial, mas, segundo a simulação (baseada nas hipóteses), estará no futuro quase estagnada, abrindo poucas oportunidades efetivas de negócios.

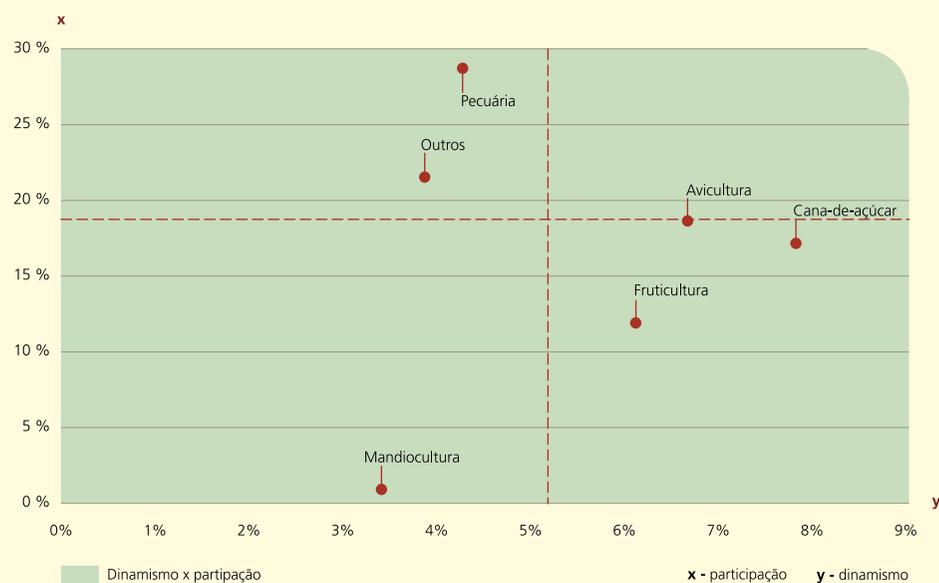
Diagrama 3 - Dinamismo x participação das atividades dos setores de comércio e serviços



Fonte: Sebrae/Multivisão.

A mesma análise mostra que as grandes oportunidades na agropecuária concentram-se na avicultura, única situada no quadrante direito superior (alto dinamismo e alta participação), como mostra o Diagrama 4. Próxima da fronteira que marca a participação relativa no produto setorial, a cana-de-açúcar apresenta também grandes oportunidades de negócios, porque tem alto dinamismo e participação moderada e crescente no produto do setor.

Diagrama 4 - Dinamismo x participação das atividades agropecuárias



Fonte: Sebrae/Multivisão.